

Marisa Midori Deaecto

# O IMPÉRIO DOS LIVROS



*Instituições e Práticas de Leitura  
na São Paulo Oitocentista*

**USP** UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor* João Grandino Rodas  
*Vice-reitor* Hêlio Nogueira da Cruz

**edusp** EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente* Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente* Rubens Ricupero  
*Vice-presidente* Carlos Alberto Barbosa Dantas

Adolpho José Melfi  
Antonio Penteado Mendonça  
Chester Luiz Galvão Cesar  
Ivan Gilberto Sandoval Falleiros  
Mary Macedo de Camargo Neves Lafer

*Diretora editorial* Cristiane Silvestrin  
*Edição-assistente* Carla Fernanda Fontana

**edusp**

**FAPESP**

PÁGINAS ANTERIORES:

17. Ao centro, fachada da Casa Garraux – Livraria e Papelaria, na rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro). Fotografia de autor não identificado.

## I. A ECONOMIA DO LIVRO

*Mas o caso é que a chegada de Anatole Louis Garraux no Brasil, em 1850, coincide com um dos momentos mais intensos e progressistas da história do II Reinado. É o ano que se apresenta como que uma arrancada decisiva para o futuro, com o despontar do espírito de empresa, de iniciativas audaciosas, de melhoramentos materiais.*

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA<sup>2</sup>

**A** economia do livro, já o assinalamos, nutre-se da circulação. Dos pequenos circuitos, que aproximam o livro do público leitor, e dos circuitos maiores, definidos pelas grandes redes comerciais e pelos grandes espaços geográficos. Nos primórdios da difusão do texto impresso, os circuitos se organizaram nas caravanas e em feiras espalhadas pelas cidades florescentes do Velho Mundo. Mas não demoraram a alcançar o Atlântico – quando o livro se torna instrumento fundamental para o contato entre dois mundos. Lembremos que no período colonial a proibição das tipografias obrigava os autores radicados no território brasileiro a submeter seus originais aos tipógrafos e à censura portuguesa. Esse cenário ratifica de forma definitiva a sujeição ao poder metropolitano – que significou o atraso de três séculos para a entrada do Brasil na era de Gutenberg<sup>3</sup>.

2. Francisco de Assis Barbosa, “Alguns Aspectos da Influência Francesa no Brasil...”, p. xi.

3. Com a louvável e muito comentada exceção da tipografia clandestina de Antônio Isidoro da Fonseca. A este respeito, afirma Hallewell: “Da existência de uma prensa de impressão no Rio de Janeiro, em 1747, possuímos a prova definitiva tanto na bibliografia contemporânea como em alguns dos próprios livros impressos, ou, melhor, folhetos”. Outra raridade bibliográfica que re-

No Império, o estímulo à circulação de impressos – de jornais, sobremaneira – não resultou na consolidação de um sistema editorial com coloração nacional. Reforçaram-se, antes, os velhos circuitos de livros europeus – franceses e portugueses – mantidos por uma fina camada de letrados.

É verdade que, a partir dos anos de 1870, esse quadro sofre uma primeira reviravolta. Mudanças sensíveis no mundo dos livros – e situemo-nos apenas nos livros – podem ser identificadas. Do ponto de vista da produção, nota-se o aumento progressivo das oficinas tipográficas. No fim do século, elas “pululam na Corte”, como escreve Paulo Berger<sup>4</sup> – movimento que é acompanhado por sua expansão também nas províncias, seguindo uma tendência ascendente desde a vinda da Família Real, em 1808<sup>5</sup>.

Todavia, mesmo no Rio de Janeiro, onde vemos profissionais de origem europeia se afirmarem no ramo livreiro – como Pierre-Seignot Plancher, Villeneuve, Mongie e, na segunda metade do século, de forma efetiva, os Garnier, Leuzinger, Laemmert – parte significativa dos livros circulantes de nossa literatura continuava sendo impressa na Europa. Em Paris, especialmente<sup>6</sup>. As razões para isso são várias, desde a política empresarial das

monta à proto-história de nossa indústria tipográfica é o exemplar, impresso pelo método caligráfico, apresentado no estudo: *Uma Raridade Bibliográfica: o Canto Encomiástico de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos impresso pelo Padre José Joaquim Viegas de Menezes, em Vila Rica, 1806*, de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha (cf. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 24).

4. Paulo Berger, *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. XII.

5. É, de fato, impressionante o número de estabelecimentos tipográficos que se espalham pelas províncias do país: na Bahia, em 1811, em Pernambuco, em 1817, no Pará, em 1821, na Paraíba, em 1826, em São Paulo, em 1827, no Rio de Janeiro (Província), em 1829 e assim por diante. Na Corte, onde há maior concentração de novas atividades urbanas, o aumento é ainda mais significativo: em 1808, contam-se apenas duas livrarias e uma tipografia na cidade. Em 1829, já são nove livrarias, sete tipografias e uma fundidora de tipos. A maior parte destas oficinas se volta para a produção de jornais, haja vista a emergência do periodismo político e o seu papel de relevo na formação da opinião pública durante o Primeiro Reinado. Sobre os livros editados nesse período, as notas são mais escassas, salvo aqueles tirados nos prelos da Imprensa Régia (Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, p. 156) (na verdade, o autor se vale do levantamento feito por Carlos Rizzini); Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 47. A este respeito, cf. Ana Maria de Almeida Camargo & Rubens Borba de Moraes, *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, passim*.

6. Com louváveis exceções, como testemunha José de Alencar, em 1867: “A maior parte das obras de que se compõe o senhor Garnier [...] é fabricada na Europa; isto é coisa tão sabida, que ninguém pode contestar, apesar de virem com designação de sua manufatura no Rio de Janeiro e ter esse senhor um revisor por conta própria em Paris; quando os senhores Laemmert e companhia, por maneira diversa, possuem um magnífico estabelecimento tipográfico e oficina de encadernação à rua dos Inválidos, onde acolhem os artistas brasileiros e dão-lhes a ganhar o seu dinheiro que também é por eles ganho neste país. O senhor Garnier, tendo o seu estabelecimento tipográfico

filiais de empresas estrangeiras instaladas na Corte, que preferiam imprimir os livros na Europa a investir na produção local<sup>7</sup>, aos avanços técnicos nos setores produtivo e de transporte marítimo, que viabilizaram o custo da produção no exterior, incluindo o preço do frete e as taxas de importação. Tudo isso fez com que o livro percorresse um longo caminho até chegar nas mãos do leitor nacional.

Por razões de ordem técnica e econômica, a capital francesa se consolidou no Oitocentos como o maior centro produtor e exportador de livros do velho continente para a América. Publicações em francês, certo, mas também em português e em espanhol. Este fato se reflete no mercado de consumo local, ou seja, a vinda de livreiros franceses, que praticamente inauguraram este setor nas principais capitais do país, não pode ser vista como fruto do acaso. Concorreram para a consolidação do mercado livreiro e, em especial, das livrarias francesas no país diversos fatores internos – a saber, o crescimento urbano e o fomento às instituições de cultura, além de uma acentuada inclinação aos referenciais franceses – e externos, atinentes à economia do livro – conforme veremos neste capítulo.

### *Semear ao Vento*

Segundo Pierre Rousseau, as primeiras inovações técnicas na produção de impressos surgiram na Inglaterra, no contexto da primeira Revolução Industrial, e logo foram adotadas na França. A prensa Stanhope leva o nome de seu inventor, um cientista inglês que “admirava fanaticamente a Revolução Francesa”<sup>8</sup>. A inovação consistiu em usar uma estrutura de prensa em metal e não mais em madeira, como se fazia desde a época de Gutenberg, o que permitia uma impressão mais forte e mais rápida.

em Paris, dizem que de sociedade com seu irmão, ali manda manufacturar as obras de que é incumbido pelos escritores brasileiros e auferê disto espantoso lucro!” (*apud* Marisa Lajolo & Regina Zilberman, *O Preço da Leitura...*, p. 93).

7. Esta questão, na verdade, não tem fim, pois esbarra com o problema da importação de maquinaria e papel, portanto, com as políticas adotadas durante o II Reinado neste setor. No âmbito econômico, há ainda a velha problemática do lugar do Brasil na divisão internacional do trabalho nesse contexto de expansão imperialista.

8. Pierre Rousseau, *Histoire des techniques et des inventions*, p. 191.

Daí para o uso da máquina de Watt – solução encontrada pelo alemão Frederik Koenig (1774-1833)<sup>9</sup>, em 1810 – à invenção das rotativas, não foi preciso esperar muito tempo. Em 1848, o jornal *Times* foi o primeiro a fazer uso dos cilindros, o que aumentou a capacidade produtiva para 8 000 folhas por hora<sup>10</sup>. Porém, a necessidade de muitos braços para a execução do trabalho – oito homens para alimentar a máquina e mais oito para receber o papel impresso – exigiu novas soluções técnicas.

O salto definitivo em direção ao uso das rotativas foi dado pelo cientista Hyppolite Marinoni (1823-1904), em 1863, em Paris, com o apoio financeiro de Émile de Girardin. Este era um magnata da imprensa<sup>11</sup> e, como escreve Brito Broca, “um dos primeiros editores de jornal a compreender o partido que podia tirar do gênero [folhetinesco]”<sup>12</sup>.

Em 1886, um alemão radicado nos Estados Unidos, Ottmar Mergenthaler (1854-1899), desenvolveu o linotipo<sup>13</sup>.

Traduzindo todas essas inovações técnicas em termos de produção e circulação, os números não deixam dúvidas sobre o desenvolvimento do setor editorial francês – ou melhor, parisiense<sup>14</sup>, pois o que se observa é a con-

9. O sistema de Koenig consistia em fixar a composição em uma superfície plana que ia e vinha sob um cilindro por onde passava o papel. Mas ocorre que “a superfície que mantinha a composição era pesada e a máquina a vapor que alimentava este movimento tinha uma velocidade muito limitada, de modo que a tiragem não passava de 1.000 folhas por hora” (Pierre Rousseau, *Histoire des techniques...*, pp. 191-192 e 391).

10. *Idem*, p. 392.

11. “A composição tipográfica era disposta em uma forma cinturada adaptada a um cilindro horizontal. O papel ficava enrolado em uma bobina e um outro cilindro o aplicava contra o primeiro. O movimento de rotação contínuo permitia velocidades inesperadas e a impressão de dezenas de milhares de folhas por hora. Millaud e Marinoni se instalaram na rua Lafayette, em um edifício que, para a época, mais se parecia com um palácio. [...] Pouco a pouco, elemento a elemento, a máquina se desenvolveu, tornou-se um monstro, imprimia em cores (1899), imprimia jornais em doze páginas, dobrava-os e fazia pacotes” (Pierre Rousseau, *Histoire des techniques...*, p. 393).

12. *Apud* José Ramos Tinhorão, *A Música Popular no Romance Brasileiro*, p. 33.

13. “Ele concebeu o princípio de uma máquina capaz de substituir o operário no processo de movimentação dos caracteres. Uma liga metálica mantida em estado de fusão, um teclado parecido com aquele que se utiliza na máquina de escrever, para o qual cada toque representa o comando da matriz de uma letra; tais são, em duas palavras, as peças essenciais do dispositivo. Bastando apertar as teclas sucessivas para que as matrizes correspondentes se despreguem e se disponham, umas após as outras, de maneira a formar uma linha. Um comando a manipular, e a liga em fusão sai do fundidor para se ligar a esta fila de matrizes. Assim o aparelho forma uma linha completa, que se acomoda em seguida sobre a galeria” (Pierre Rousseau, *Histoire des techniques...*, p. 394).

14. Segundo o *Annuaire de l'Imprimerie, de la Presse et de la Librairie pour 1855-1856*, foram recenseadas, em Paris, 442 imprensas e 275 tipografias mecânicas (cf. Paul Chauvet, *Les ouvriers du livre en France*, pp. 548-549).

centração dos negócios editoriais na capital, em detrimento das províncias: em 1822, os negócios envolvendo impressos atingiram a cifra de 8 749 329 F; em 1847, este valor praticamente duplicou, passando a 15 247 211 F; em 1880, quando se consolidaram a produção e o sistema de circulação, esta cifra saltou para 31 883 720 F.

Do ponto de vista do consumo, o superávit produtivo abriu um precedente sem retorno no mercado local: o livro se tornou um produto acessível às massas. Entre 1838 e 1853, escreve Jean-Yves Mollier, “o preço das principais coleções caiu de 15 F para uma média de 1 F e, paralelamente, as tiragens se elevaram de 1000 para 6000 exemplares”<sup>15</sup>. Houve, portanto, uma tendência de crescimento na produção de impressos durante as décadas seguintes.

Todavia, este quadro bastante otimista da produção editorial francesa não demorou a criar alguns inconvenientes. Ao mesmo tempo em que o Estado francês mantinha ou acirrava seus dispositivos censores, percebia o problema do aceleramento da capacidade produtiva e de seus efeitos perniciosos para o mercado. Segundo Frédéric Barbier:

O século XIX, e sobretudo os dois “períodos forte” de 1850-1860 e de 1880-1890, representa um período de acentuada reorganização jurídica do comércio internacional do livro. Uma reorganização paralela se opera no plano propriamente material e tende igualmente a abrir as portas do comércio mundial para a livraria francesa. Esta compreende três pontos sucessivos: técnicas comerciais, transportes, formas de pagamento<sup>16</sup>.

Ao gigantismo francês seguiu-se uma fase de saturação do mercado interno. “Semear ao vento”, segundo a divisa de um dos grandes editores da III República, Pierre Larousse, tornara-se o novo desafio da edição francesa. Isso se traduziu no aumento contínuo e regular da exportação de livros no período de 1815 a 1913, com altas acentuadas nos anos de 1880, 1887 e 1890 – a partir de quando segue-se uma fase de recuo e de crise do comércio livreiro<sup>17</sup>. Mesmo na fase anterior, nos anos de 1860-1870, os índices apa-

15. Jean-Yves Mollier (dir.), *Où va le livre?*, p. 27.

16. Frédéric Barbier, “Le commerce international de la librairie française”, p. 100.

17. “A partir dos primeiros anos da III República, esta irregularidade do movimento das exportações

recem sempre acima da média, em torno de 55 pontos. Índices altos, que merecem algumas ponderações se comparados ao período posterior, pois neste a população mundial sofreu sensível aumento. Além disso, o comércio e os meios de transporte atingiram novas potencialidades a partir de 1880<sup>18</sup>.

Os navios a vapor se tornavam cada vez mais velozes e numerosos. Em 1882, a frota mundial foi estimada em 22 mil vapores. Deve-se considerar que, ainda nessa época, as navegações a vela tinham peso no transporte marítimo, na proporção de três toneladas de navios a vela para uma de navios a vapor<sup>19</sup>. Notemos que as frotas inglesas, de velas e de vapores, eram as maiores e dominavam o transporte transoceânico. Pelo menos até a década de 1860, mercadorias francesas e de outras nacionalidades eram despachadas para os portos brasileiros – do Recife, de Salvador e do Rio de Janeiro – em navios britânicos<sup>20</sup>. A primeira linha de navegação a vapor francesa, que fazia o trajeto Bordeaux–Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1861, “com escalas em Lisboa, Dakar, Pernambuco e uma linha de extensão para Buenos Aires e Montevidéu”<sup>21</sup>.

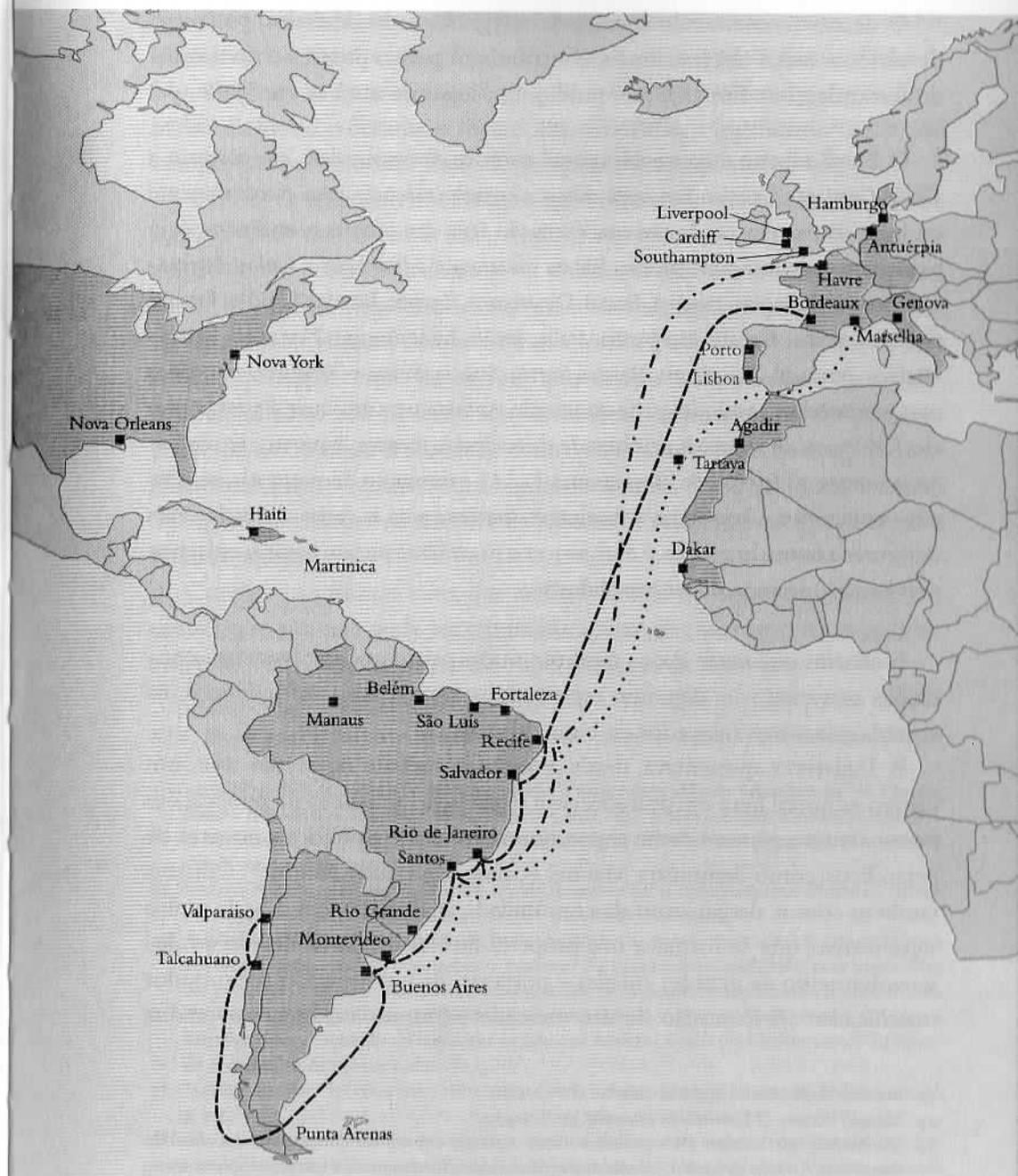
se acentua e tende a se tornar a principal característica até o final de nosso período de estudo. Se, de 1869 a 1879, nós ainda continuamos no sistema anterior, com índices variando relativamente pouco (de 55,38 a 55,49 em dez anos), o ano de 1880, em compensação, é marcado por um acentuado aumento (índice de 78,46%), que permite ultrapassar a marca de 3.800 t de exportações. O índice se tornará estável em 1881, e a exemplo da fase anterior, a um nível intermediário (de valores entre 63 e 65, ou seja, superiores em mais ou menos 10 pontos em relação ao período precedente). Duas novas ‘decologens’ se produzem em 1887 (73,59%) e sobretudo 1890 (104,31%): este último permite ultrapassar as 4700 t de exportações anuais, cifra que não será mais alcançada após a Primeira Guerra. Como no domínio da edição propriamente dita o mercado se encontra saturado (é a época do ‘crash’ da livraria), a ressaca, desta vez, é mais brutal: vinte pontos de 1891 a 1892, mais de trinta em 1894 (o índice sofreu, então, recuo para 65,06% e até 1905 (67,20%), com volumes anuais de exportação em torno de 3.000 t” (Frédéric Barbier, “Le commerce international de la librairie française au XIX<sup>e</sup> siècle (1815–1913)”, p. 106).

18. “Pode-se estimar que, de 1840 a 1880, o custo do transporte de livros e periódicos sofre uma redução de 75%” (*Idem*, p. 102).

19. Cf. Eric Hobsbawm, *A Era dos Impérios*, pp. 48–49.

20. No decênio de 1847–1856, artigos de papelaria e livros figuram em terceiro lugar no *ranking* das mercadorias importadas da França para o Brasil. Curioso observar que, no período coincidente com a intensificação das relações comerciais internacionais do Brasil, 1887–1896, o livro não figura na lista dos oito gêneros franceses mais exportados para o Brasil. Os dados foram extraídos do *Tableau décennal du commerce de la France* (apud Denise Monteiro Takeya, *Europa, França e Ceará*, p. 57).

21. “A Inglaterra envia [ao Brasil] anualmente 420 navios e a França somente 85. Mas se essa comparação enfraquece nossa fibra nacional, conservemos a esperança de que nossos transatlânticos modificarão, e em breve, nossa triste e lamentável inferioridade” (E. Gallès, “Considérations générales sur le commerce de la France avec l’Empire du Brésil, les États de la Plata et la République d’Haiti”, 1861, apud Denise Monteiro Takeya, *Europa, França e Ceará*, p. 72).



MAPA 8. Rota dos Navios Franceses.

O desenvolvimento do sistema de telégrafos e dos correios, por meio de vários acordos internacionais, contribuíram para o progresso do sistema de comunicações. Em 1878, era publicada a seguinte notícia, em São Paulo:

O Brazil adheriu á convenção postal entre os diversos paizes que formam a *União Geral dos Correios*. Em vista d'isso a correspondencia paga porte sómente no logar da remessa ou da entrega, excepção feita dos jornaes e impressos, cujo pagamento previo é obrigatorio. Eis os paizes que adheriram a *União*: Allemanha, Austria-Hungria, Belgica, Brazil, Dinamarca, Egypto, Estados Unidos, França, Gran-Bretanha, Grecia, Hespanha, Italia, Japão, Luxenburgo, Noruega, Paizes-Baixos, Portugal, Roumania, Russia, Servia, Suecia, Suissa e Turquia – e todas as suas possessões em qualquer parte do mundo. As taxas para qualquer d'estes pontos são: [...] Papeis de negocios, amostras de mercadorias, jornaes, livros etc.: 80 réis por 50 grammas ou fracção de 50 grammas. [...] O pagamento de porte nas estações remetentes ou nas receptoras é facultativo somente para as cartas ordinarias. Para os jornaes e outros impressos, é obrigatorio o pagamento previo, e se não estiverem franqueados, deixarão de ser expedidos<sup>22</sup>.

Notemos que nessa época nenhum outro país europeu vivenciara condições materiais – e, digamos, espirituais – comparáveis às da França, na corrida por novos mercados de bens culturais.

A Inglaterra apresentava, desde a segunda metade do século xvii, um campo editorial bem estruturado, com expressiva circulação de publicações pertencentes a gêneros como teatro, poesia, romance e política e no setor de periódicos, como demonstra Manuel Portela, em estudo recente<sup>23</sup>. Contava também com o alargamento da comunidade anglófona, sem dúvida muito significativo, que se formava nos próprios limites insulares, devido ao desenvolvimento de grandes cidades – portanto, de um mercado consumidor massificado<sup>24</sup>. A formação de um mercado editorial consistente se traduz

22. *Indicador de São Paulo...*, pp. 221-223.

23. Manuel Portela, *O Comércio da Literatura*, pp. 375-399.

24. Lembremos que Londres foi a primeira cidade a atingir um milhão de habitantes, no final do Setecentos. Ao lado da capital, cidades como Manchester, Birmingham e Liverpool apresentaram notável crescimento demográfico. De fato, é significativo que o número de operários da indústria do papel e da impressão, em Londres, no período de 1861 a 1891, tenha aumentado em 123,8% – portanto, maior do que o crescimento populacional verificado na capital inglesa, que foi de

no número de bibliotecas britânicas recenseadas: de 1600 a 1699, 1 177 bibliotecas; de 1700 a 1799, 3 071; e, de 1800 a 1899, 7 683<sup>25</sup>. O comércio de livros ingleses se expandia nos domínios coloniais – vale dizer, por todas as partes do globo – durante o século xix. Contudo, o gigantismo inglês não comprometia o mercado francófono, apenas o complementava<sup>26</sup>.

Também a Alemanha, sobretudo após o processo de unificação, passou a contar com um mercado mais amplo e em pleno crescimento, em que a edição serviu como instrumento de unificação política e cultural. Por seu turno, os editores alemães desenvolveram estratégias de produção e comercialização mais eficazes do que os franceses. As feiras de Leipzig, que se tornaram o principal centro livreiro europeu da época, são o melhor exemplo<sup>27</sup>. Mas ainda nesse país as francesias dominavam o imaginário das gentes, a ponto de um cronista francês não se furtar a descrever com que orgulho um cidadão alemão, a bordo de um vagão de terceira classe que fazia o trajeto Stuttgart-Pforzheim, comentava os hábitos de leituras francesas cultivados por sua esposa<sup>28</sup>.

Citemos um último caso, que reforça a ideia de hegemonia francesa e mostra que esta não pode ser entendida apenas em seus aspectos econômicos, pois este domínio perpassa a superestrutura da sociedade.

A edição italiana assistiu igualmente a um salto produtivo no século xix, mais precisamente, no período de 1870 a 1920. Três fatores foram

50,5%. Em 1891, a população londrina atingia a marca de 4 228 000 habitantes (cf. D. Pasquet, *Londres et les ouvriers de Londres*, Paris, Armand Colin, 1914, p. 206; F. Engels, *La situation de la classe laborieuse en Angleterre*, Paris, Éditions Sociales, 1975 [particularmente o capítulo "Les grandes villes", pp. 59-117]).

25. Manuel Portela, *op. cit.*, p. 75. O autor se vale de informações compiladas por Robin C. Alston, para o projeto The Library Database, <<http://www.r-alston.co.uk>>.

26. A disputa francesa com o mercado de livros anglófonos se tornou mais acirrada somente após a Primeira Guerra, quando se percebeu a expansão das comunidades anglófonas para muito além das possessões britânicas. Sintomática desse processo de expansão da anglofonia é a busca de uma reação francesa, expressa nas propostas apresentadas durante o Comité Parlementaire d'Action à l'étranger para a expansão do comércio de livros na América Latina (cf. Charles Lesca, "La librairie française en Amérique Latine").

27. Frédéric Barbier, "Le commerce international de la librairie française au xix<sup>e</sup> siècle (1815-1913)", p. 105.

28. "Eu não tenho tempo de ler porque viajo muito e, desse modo, esqueço meu francês. Mas minha mulher, senhor, lê o tempo todo: ela tem 800 volumes em sua biblioteca." Ao que comenta o cronista: "quem, na França, tem 800 volumes em inglês, italiano, ou alemão. Alguns professores, eruditos, diletantes, mas não mais do que isso" (Panurge [pseud. de Louis Auguste Thomas], *Croniques d'Allemagne*, apud Frédéric Barbier, *Livre, économie et société industrielles...*, p. 494).

essenciais para a consolidação do mercado editorial italiano: a unificação, o crescimento demográfico e o amplo movimento de alfabetização<sup>29</sup>. Todavia, no século XX, Antonio Gramsci observa a dominação dos referenciais franceses no meio cultural italiano, de modo que nomes expoentes de sua literatura – citando o caso do poeta Ungaretti – foram acusados de cometer galicismos em seus textos. Mesmo no âmbito da literatura popular, ou do “imaginário popular”, “o povo italiano”, assevera o autor, mostrava-se às vezes mais sensível à “figura popular de Henrique IV, do que à de Garibaldi, mais à Revolução de 1789 do que as do Risorgimento, mais às invectivas de Victor Hugo contra Napoleão III do que às dos patriotas italianos”<sup>30</sup>.

Os exemplos são muitos, poderíamos percorrer páginas e páginas de histórias do livro europeu e as conclusões não fugiriam muito à regra – qual seja, a da preeminência da edição francesa neste mercado<sup>31</sup>. Com base no movimento de exportação de livros, em 1861, expresso em toneladas, Frédéric Barbier conclui que a Itália, a Rússia, o Reino Unido, a Alemanha, a Suíça e a Bélgica<sup>32</sup> foram os principais consumidores do livro francês na Europa<sup>33</sup>. Comércio que teve a seu favor, vale sublinhar, a rápida expansão das linhas

29. As cinco cidades mais importantes, sob a perspectiva do movimento tipográfico e editorial, são Milão, Nápoles, Turim, Florença e Roma. Marco Santoro, *Storia del Libro Italiano*, pp. 277-304. Um balanço da edição italiana do período entre guerras foi publicado em *Primo Congresso Mondiale delle Biblioteche e di Bibliografia* (E. Antonucci, “Per una Statistica della Produzione Libraia in Italia”, pp. 293-300; E. Morel, “Note sur l'établissement d'une statistique de la production intellectuelle”, pp. 301-304).

30. Antonio Gramsci, *Literatura e Vida Nacional*, p. 18.

31. As relações entre Brasil, Portugal e França remontam ao Setecentos e merecem um estudo aprofundado sobre este comércio de livros no Atlântico. Estudos portugueses demonstram que as primeiras livrarias instaladas em Lisboa eram de propriedade de imigrantes franceses – das quais a Bertrand é um exemplo clássico. Essa relação se estende à abertura de uma livraria no Rio de Janeiro, na época de D. João VI, cujo proprietário era Paulo Martin, de ascendência francesa e cuja família se instalara na capital portuguesa. Estas aproximações se mantêm no início do século XX, por exemplo, com a abertura da sociedade Francisco Alves & Aillaud, que constitui a primeira rede contemporânea de negócios editoriais entre os três países (cf. Manoela Domingues, *Bertrand: Uma Livraria antes do Terremoto*; Fernando Guedes, *O Livro e a Leitura em Portugal*, pp. 15-69).

32. Dado curioso, pois a Bélgica é um importante centro produtor da literatura francófona, inclusive de contrafações, mácula que vinha carregando desde o Setecentos. Sobre o leitor que frequentava os gabinetes de leitura em Bruxelas, não há dúvidas quanto à sua inclinação por autores franceses: “Os leitores belgas leem Zola, Ohnet, Loti, Daudet, Bourget e seus imitadores. Os livros de seu país? Eles sequer os abrem” (Camille Lemonnier, *La vie belge*, p. 267); cf. Jacques Helleman, “O Comércio Internacional da Livraria Belga no Século XX”, pp. 89-98.

33. Frédéric Barbier, “Le commerce international de la librairie française...”, 1981, p. 110.

ferroviárias que cortaram o continente através de dezenas de milhares de quilômetros instalados a partir da década de 1830<sup>34</sup>.

Porém, nada se equiparava ao comércio de livros *d'outre mer*. No continente americano situavam-se os maiores centros consumidores de livros franceses<sup>35</sup>. Em primeiro lugar, os Estados Unidos (o que confirma mais uma vez a tese de que o mercado editorial britânico não representava uma ameaça ao francês). Depois, a Argentina e o Brasil<sup>36</sup>. É verdade que as estatísticas apresentam variações ao longo do século, mas o que se observa é uma longa permanência desta conjuntura do comércio de livros franceses no continente americano. Tudo isso indica as raízes intelectuais fundadas na Ilustração e na Revolução Francesa. Como escreve Frédéric Barbier: “Em 1821, os pontos fortes do mercado do livro francês na América Latina são ainda aqueles do século XVIII: Haiti (13 t) e as Antilhas estrangeiras (5,5 t), o México e a província Cisplatina (16 t), o Brasil (11 t), (*sobretudo de livros em português e em latim impressos na França*)”<sup>37</sup>.

Não existem estatísticas que permitam comparar a remessa de livros franceses com a de edições portuguesas para o Brasil, no século XIX<sup>38</sup>. Também não é possível saber quantos dos livros portugueses eram impressos na

34. “Talvez alguns números não sejam superficiais e se torne possível superar sua aridez para compreender o que eles simbolizam. Em 1859, havia 9000 km de estradas de ferro na França; em 1882, 26000. Em 1938, a quilometragem atingia a extensão de 42000 km, contra 3000 na Suíça, 3100 na Noruega, 3300 na Holanda, 5000 na Bélgica, 8000 na Suécia, 11000 na Espanha, 16500 na Itália, 31000 na Grã-Bretanha, 61600 na Alemanha, 66000 no Canadá, 108000 na [ex] URSS e 377000 nos EUA” (Pierre Rousseau, *Histoire des techniques...*, p. 341).

35. A participação nos mercados da África e da Ásia é insignificante.

36. A exemplo do que se observa no Brasil quanto ao comércio de manuais escolares franceses, chama atenção o volume da importação de livros deste gênero na Argentina (cf. Clara Brafman, “Les manuels de lecture d'origine française en Argentine dans la deuxième moitié du XIX<sup>e</sup> siècle”). Para um estudo da presença de editoras estrangeiras na produção de livros didáticos no Brasil durante o Oitocentos, cf. Circe Maria Fernandes Bittencourt, *Livro Didático e Conhecimento Histórico*.

37. Frédéric Barbier, “Le commerce international de la librairie française au XIX<sup>e</sup> siècle (1815-1913)”, p. 110 (grifos meus). No ano de 1905, em ordem decrescente, eram os principais importadores de livros franceses na América do Sul: Argentina, Brasil, México e Colômbia. Estes dados são confirmados pela pesquisa de Maurice Godechot sobre o comércio internacional da livraria francesa, em que o Brasil figura entre os três principais consumidores latino-americanos de tais produtos (cf. Jean-Yves Mollier (dir.), *Le commerce de la librairie en France au XIX<sup>e</sup> siècle (1789-1914)*, pp. 87-96). Esse quadro permanece praticamente inalterado até 1915, mesmo com a inclusão do Chile, em 1907, e do Haiti, em 1909, como atesta Charles Lesca, “La librairie française en Amérique Latine”, p. 370.

38. Merece destaque o estudo de Victor Ramos, *A Edição de Língua Portuguesa em França (1800-1850)*.

França e destinados ao mercado brasileiro. Este é um circuito muito complexo, que pode ser esclarecido apenas na medida em que surjam pesquisas monográficas sobre o comércio da livraria, seus principais agentes e suas estratégias de mercado<sup>39</sup>.

Para tornar mais concretas as considerações realizadas até o momento sobre a economia do livro e seus circuitos ao longo do Oitocentos, apresentamos a trajetória do livreiro Anatole Louis Garraux, na cidade de São Paulo. Sua especialidade era a difusão de livros franceses, não apenas na capital, onde fixou sua livraria, mas para um amplo público situado no interior da província, que ele buscava atingir através da venda por catálogos. O sucesso logrado por sua empresa, no período de 1860–1890, deve ser interpretado como expressão das mudanças internas que se processavam na sociedade brasileira e, particularmente, na capital paulista. Mas também pode ser visto como reflexo desta curva ascendente no mercado internacional de livros franceses, nas últimas décadas do século XIX. É o que veremos no próximo tópico.

#### *Anatole Louis Garraux: Livreiro, Empreendedor*

Anatole Louis Garraux nasceu em Paris, a 3 de abril de 1833. Faleceu em 26 de novembro de 1904, em sua residência, n. 60, rue du Faubourg Poissonnière, no décimo *arrondissement* da capital francesa. Era viúvo e teve três filhas: Marie Louise (Madame Servan), Amélie Henriette Aspasia (Madame Fischer) e Sophie Clarisse (Madame Créténier).

Em 1902, escreveu seu testamento, documentando de próprio punho seus bens, a relação de familiares que mereciam ser beneficiados por sua herança e uma sucinta relação de amigos, aos quais legou alguns *souvenirs*.

Ao “excelente amigo monsieur Guelfe de Lailhacar, companheiro leal [...] que eu amo como a um irmão”, legou um bronze de Mozart, dois quadros assinados por M. E. Mendez e um alfinete de ouro e pérola<sup>40</sup>. Lailhacar

39. No campo da produção de manuais pedagógicos no Rio de Janeiro, por exemplo, Circe Maria Fernandes Bittencourt observou que, na década de 1880, os livros eram de origem estrangeira (francesa, na sua maioria).

40. Dépôt des testaments et codicilles de M. Garraux. 30 Novembre 1904–16 Mai 1908. Maître Jacques Fontana-Notaire. Paris.



18. Anatole Louis Garraux, 1870, em fotografia tirada por Militão Augusto de Azevedo.

A

25  
1850

Je soussigné, Anatole Louis Garraux, demeurant rue du Faubourg Poissonnière, n° 10, à Paris, déclare que le présent est mon testament, lequel contient mes dernières volontés que je désire être exécutés comme suit: —

Je lègue à ma sœur Louise Julie Michel, l'usufruit de la quotité disponible, c'est à dire du quart de ce que je laisserai à mon décès après paiement des legs particuliers que je fais plus loin et de ceux que je pourrai faire dans l'avenir. Je lègue par préciput et hors part la nue propriété de cette même quotité disponible à ma fille Marie Louise (Madame A. Servan) et à ma fille Amélie Henriette Dupuis (Madame H. Fischer) chacune pour moitié, et la charge par elles de supporter tous les legs particuliers que je fais ce jour et tous ceux que je pourrai faire par la suite —

Sur la part qui leur reviendra de ce chef, après le paiement des dits legs et de toutes charges à payer sur la quotité disponible, je les charge de conserver et de rendre à mes enfants respectifs, nés ou à naître, une somme de cinquante mille francs sans réduction en cas de décès le paiement des legs particuliers et des dits charges, cette somme exécutée et qui restera à chacune. Cette somme se sera jusqu'à concurrence du manquant, la substitution dans ce cas s'ouvrant tout ce qui leur reviendra de ce chef de la quotité disponible, mais sans réserve —

Ma fille Sophie Clémence Périer, qui n'a pas d'enfants et dont la situation de fortune est beaucoup supérieure à celle de ses deux sœurs aînées, j'en suis sûr, la disposition toute naturelle et selon son cœur, j'accablé un acte de bonté, de suite en m'énonçant ainsi dans le présent ou la loi me le permet, les inégalités du sort —

ses sommes ainsi qu'elles se restitueront seront placées par les dits

19. Fac-símile do testamento de Anatole Louis Garraux.

foi seu sócio nos negócios da livraria em São Paulo e no Recife, nomeado tutor da sucessão dos bens declarados.

À irmã Louise Julie Michel, com quem dividiu o apartamento nos últimos anos vividos em Paris, legou o usufruto dos bens, “em reconhecimento que lhe devo por sua abnegação, seu desinteresse, sua afetuosidade e sua inteligente atuação na educação de minhas filhas [...] esperando que elas honrem minha memória amando sua tia e lhe dedicando toda atenção que ela merecer”<sup>41</sup>.

Aos genros, deixou uma série de *souvenirs* valiosos, que descreveu com muita precisão: Paul Créténier – “a quem amo como um filho” – herdou a grande *Encyclopédie Lamirault*, as quatro telas assinadas por Penne, Chartier, Corot e Brown e um alfinete de ouro, em estilo Luís xv; Willy Fischer, sucessor de Garraux na livraria paulista, recebeu um porta-tintas, um prendedor de gravata em ouro, um relógio (identificado sob o número 6 360) e a coleção de *L'Année Théatral* de Noël e Stoullig; Octave Servan herdou um cofre verde-escuro de forma ondulada, sua cadeira de trabalho, um relógio de ouro (n. 6 846), um anel de ouro e uma escultura identificada como “cabeça de Brutus”<sup>42</sup>.

Ao amigo Philippe de Grammont “deixo o *Grand Dictionnaire de Larousse*, em dezessete volumes, que juntos consultamos com tanta frequência; a tela assinada por A. Scheffer, com a qual ele havia me presenteado e o quadro assinado Petit Jean Por de Dordreck”<sup>43</sup>.

Incluiu no testamento seus “bons, leais e fiéis empregados”, a eles legando a soma de oito mil francos, caso continuassem lhe servindo até a morte. Deixou ao encargo dos executores testamentários o envio de *souvenirs* aos amigos: “Senhoras S. Suarez<sup>44</sup>, Amélie Hamelin, Marie Launay e Marie Bazin. Senhores Louis Jablonski, Charles Vogt<sup>45</sup>, Alexandre Thiollier<sup>46</sup>,

41. *Idem, ibidem.*42. *Idem, ibidem.*43. *Idem, ibidem.*

44. Provavelmente, esposa de Raphael Suárez, sócio na empresa de São Paulo.

45. Louis Jablonski e Charles Vogt o sucederam na empresa de comissão e representação sediada em Paris. Eles assinam a edição do livro publicado por Garraux, em 1898.

46. Este foi seu sucessor nos negócios da livraria em São Paulo, no final dos anos de 1880. Seu filho, René Thiollier, foi aluno da Faculdade de Direito, nos anos de 1890, e conhecido poeta de sua geração, em São Paulo.

Felix Guilhem<sup>47</sup>, Berge, Dr. Jozias, Vicomte Azevedo, Ed. Ruenzi, Paul Galot, Mathieu<sup>48</sup>.

Anatole Louis Garraux declara, finalmente, que no apartamento onde reside “existem bronzes, móveis, *bibelots*, prataria, que são de exclusiva propriedade de minha irmã, bastando que ela indique estes objetos para que seu reconhecimento seja feito sem contestação”<sup>49</sup>.

Do mesmo modo, “deixo à minha amada irmã, Louise Julie Michel, tudo o que existe nos cômodos chamados ‘Atelier’ próximos à sala de bilhar e no pequeno escritório ao lado do grande salão, menos o quadro de Corot, ofertado ao meu genro M. Créténier”<sup>50</sup>.

Sobre as origens mais remotas de Anatole Louis Garraux, a história de sua família, a ocupação de seus pais e mesmo suas atividades na juventude, não obtivemos informações. Seu nome não figura nos copiosos volumes das biografias francesas, o que sugere que não pertencera a alguma linhagem aristocrática ou burguesa expressiva. Nasceu em Paris, mas sua vida até os dezessete anos, idade com que emigrou, não mereceu nenhuma linha de seus biógrafos<sup>51</sup>, ou mesmo algo escrito do próprio punho. Teve relações com a casa Garnier, mas não sabemos de que natureza. Supomos que tenha sido um funcionário da empresa em Paris e, como é próprio da juventude, tenha optado por se aventurar no Rio de Janeiro, em busca de novas oportunidades financeiras. Mas como a história não se constrói apenas sobre suposições, afiançamos apenas que, mesmo desconhecendo as origens de seu capital, nosso personagem logrou fazer bons investimentos e acumular notável fortuna.

47. O sobremone Guilhem figura no quadro social paulistano em duas circunstâncias: Madame Guilhem anunciou no *Almanak* de 1878 seu gabinete de leitura, conforme já assinalamos; e Eugène Guilhem foi engenheiro e atuou ao lado de Victor da Silva Freire na Seção de Obras Públicas durante a gestão do prefeito Antônio da Silva Prado (1890-1910). Mesmo sabendo que Garraux manteve relações estreitas com a sociedade da época, não conseguimos precisar se Félix Guilhem tinha algum parentesco com os outros dois – o que é, todavia, bem provável.

48. *Idem, ibidem*.

49. *Idem, ibidem*.

50. *Idem, ibidem*.

51. Não existe propriamente uma biografia de Garraux, apenas notas biográficas que rememoram sua passagem pela cidade de São Paulo (cf. Raimundo de Menezes, “As Primeiras e mais Antigas Livrarias de S. Paulo”; Carlos Penteado de Rezende, “Anatole Louis Garraux”; Francisco de Assis Barbosa, “Alguns Aspectos da Influência Francesa no Brasil...”; Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*).

Esculturas em bronze, coleção de pinturas, entre as quais telas assinadas por artistas consagrados, enciclopédias, publicações teatrais, relógios, peças em ouro, prataria, móveis finos, amplo apartamento, provido de grande salão, sala de bilhar, escritório. Enfim, Anatole Louis Garraux – como ele mesmo testemunha – foi um homem rico, ostentava hábitos e gostos sofisticados. Foi um burguês típico do seu tempo.

Mas estes elementos constituem apenas pequena parte do cabedal herdado pelas filhas.

Os bens declarados após sua morte, em 1904, perfazem a soma de 971 880 F. Ou o equivalente a mil-réis no valor de 748:348\$062<sup>52</sup>. Arredondando a cifra para um milhão de francos franceses, em 1905, deduz-se o montante de 20 milhões de francos (segundo a tabela de conversão para o ano 2000) ou três milhões de euros atuais (quatro milhões de dólares)!<sup>53</sup>

O livreiro A. L. Garraux se situava na estreita faixa dos 4% de franceses que deixaram legados de mais de 50 000 F em seu tempo<sup>54</sup>. Para termos uma ideia da natureza de sua fortuna: 68% dos bens declarados estavam convertidos em capital financeiro – Anatole investiu em ações junto a sociedades no México<sup>55</sup> e no Brasil<sup>56</sup>; 27% em capital industrial; e uma pequena porcentagem (5%) dividida em bens imobiliários e bens domésticos.

Diante desses dados, podemos concluir que Garraux seguiu a tendência dos empreendedores da época<sup>57</sup>. Ele aplicou a maior parte de seu dinheiro

52. Segundo a cotação cambial utilizada em dezembro de 1904, por ocasião do levantamento dos bens declarados: 1 F = 770 réis.

53. “Administration de l’enregistrement des domaines et du timbre”, *Formule de déclaration de mutation par décès – Succession de M. Garraux*. Archives de Paris, série D Q7-33378, 1904. Agradeço imensamente ao professor J.-Y. Mollier o auxílio com este documento – na verdade, a contribuição à leitura do mesmo.

54. Em 1911, essa faixa sofre sensível aumento para 6% das fortunas reconstituídas a partir das declarações de sucessão cujos valores estavam compreendidos entre 50 000 F e um milhão. Os dados apresentados referem-se a Paris (Adeline Daumard, *Os Burgueses e a Burguesia na França*, p. 109).

55. Duzentas e quarenta ações da Société Financière pour l’Industrie au Mexique (F 71 520,00), 101 ações da Compagnie Industrielle d’Orizaba, 100 ações da Société San Ildefonso (F 23 200,00) (*Formule de déclaration de mutation par décès...*, linhas 8, 10, 11).

56. Quatrocentas ações ao portador da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Vias Fluviais de duzentos mil-réis cada uma (124 675,20); 336 ações na Sociedade Gold Mines [...] of Brazil Limited, no valor de um libra esterlina cada uma. Do Brasil, foram ainda declaradas duas letras de câmbio do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, no valor de F 11 823,95 ou R. 9:104\$441.

57. Segundo Adeline Daumard, desde a Monarquia de Julho (1830) observa-se a tendência entre a burguesia francesa, sobretudo aquela situada nos centros urbanos, de acumular capital industrial e financeiro, em detrimento do patrimônio imobiliário (Adeline Daumard, *Os Burgueses e a Burguesia na França*, p. 91).

em investimentos de alto risco, ou seja, no mercado acionário. Constatamos tal fato devido a uma série de lotes de ações desvalorizadas ao lado de outras que mostram índices altos de valorização. E o livreiro investiu em setores que estavam em franco desenvolvimento nesta nova conjuntura de expansão capitalista: nas empresas de metalurgia e no sistema de transportes, vias férreas e fluviais, de fundamental importância para a ampliação dos circuitos de comércio em direção a novos centros consumidores<sup>58</sup>.

Processo análogo foi observado no Brasil, particularmente em São Paulo, em que se observa uma nova fase de acumulação e de diversificação do capital investido pelas classes produtoras – período *grosso modo* balizado entre 1890 e 1914<sup>59</sup>.

Essa diversificação de investimentos talvez explique o fato de Anatole Louis Garraux não ter se credenciado como livreiro em Paris. Pelo menos, não era neste setor que seu nome figurava nos indicadores profissionais da época. Atuou como comissário de importação e exportação e no comércio de artigos de luxo franceses na capital paulista.

Não é de veras curioso que, por ocasião da visita da princesa Isabel, em São Paulo, a Casa Garraux seja registrada em seu diário não como exímia livraria, mas como uma casa “cheia de tentações para grandes e pequenos?”<sup>60</sup> Seria muito provavelmente uma alusão aos livros, em se tratando de uma nobre cultivada, mas também ao vasto mundo de artigos finos que o livreiro dispunha em sua loja. Tais como papéis finos, envelopes<sup>61</sup>, vinhos, charutos – os famosos charutos de Havana anunciados nos jornais – entre incontáveis produtos que se confundiam com os artigos da

58. Todas estas considerações se basearam em Eric Hobsbawm, “Uma Economia Mudando de Marcha”, *A Era dos Impérios...*, pp. 57-85.

59. A este respeito, cf. Zélia Cardoso de Mello, *Metamorfoses da Riqueza*; Eulália Maria Lahmeyer Lobo, *História do Rio de Janeiro*.

60. Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), “Diário da Princesa Isabel”, *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*, p. 243.

61. “Foi ele o precursor, entre nós, de uma coisa que, no seu tempo, constituiu êxito fora do comum: introduziu em São Paulo o envelope. Até então se escreviam cartas em folha dupla de papel, ‘papel de peso’, como se dizia, e a segunda folha era dobrada de modo a capear a correspondência e pregada com pequenas ombreiras de cor em forma de hóstias minúsculas. O envoltório, assim já preparado e gomado, revolucionou o mercado, passando o sr. Garraux a ganhar bom dinheiro” (Raimundo de Menezes, “As Primeiras e mais Antigas Livrarias de S. Paulo”, p. 197).

livraria, figurando inclusive nos catálogos de livros e no seu *ex-libris*, o que é um traço bastante peculiar<sup>62</sup>.

Na opinião de um memorialista:

A Casa Garraux é um dos mais importantes estabelecimentos comerciais da cidade pela variedade e pela fina qualidade dos objetos expostos à venda: muitos destes de delicado gosto vêm-se nas suas lindas vitrinas. Ela apresenta à escolha dos consumidores grande sortimento de artigos para desenho; bengalas; binóculos; bolsas (indispensáveis para senhoras); caixas para joias, para costura; espelhos, quadros; jarras de cristal, de porcelana, jardineiras e infinita quantidade de muitos ornamentos de sala: globos celestes, terrestres, mapas geográficos; tinteiros, sinetes, penas de ouro, e de madrepérola; vistas fotográficas, opacas e transparentes; instrumentos para serviços de engenharia; vinhos superiores, charutos, jogos de salão, muitos outros objetos.

O que porém recomenda especialmente esta casa é a sua notável livraria; nem na Corte há outra igual<sup>63</sup>.

Anatole Louis Garraux manteve um escritório de comissão e representação em Paris n. 3, rue d’Hauteville. Seus anúncios foram regularmente publicados no *Annuaire Firmin-Didot* entre 1880 e 1900, quando a empresa anunciou a sucessão para Jablonski, Vogt et Cie. Segundo este breve anúncio (de uma só linha), publicado sem intervalo nas edições do *Annuaire*, o empresário fazia remessas de mercadorias para o Brasil e mantinha um escritório para encomendas em São Paulo – certamente, sua livraria<sup>64</sup>.

62. Também na imprensa local Garraux chegava a ocupar quase uma página inteira da edição dominical com seus clichês, nos quais anunciava espelhos, molduras, burras de ferros, chocolates, vinhos de Bordeaux, enfim, uma grande variedade de produtos finos importados (cf. *A Província de S. Paulo*, ano de 1875, vários números). Noutros dias da semana a frequência de clichês da Casa Garraux é igualmente notável. Segundo Carlos Penteadado de Rezende, que acompanhou a evolução da livraria nos anúncios do *Correio Paulistano*, o livreiro chegou a comprar um terço das páginas do diário para publicar uma relação completa das músicas que tinha em estoque na sua loja (cf. Carlos Penteadado de Rezende, *Tradições Musicais da Faculdade de Direito...*; e “Anatole Louis Garraux”, *O Estado de S. Paulo*).

63. Firmo Albuquerque Diniz [Junius], *Em São Paulo...*, p. 84.

64. *Annuaire-Almanach du Commerce, de l’Industrie de la Magistrature et de l’Administration ou Almanach des 1.500.000 adresses de Paris, des Départements, des Colonies et des pays étrangers*, Didot-Bottin, [1850-1905]. Exemplares microfilmados – Bibliothèque nationale de France.

No mundo dos livros, a trajetória de Garraux, com as devidas proporções, pode ser comparada à dos irmãos Garnier, os primeiros mandatários do imperialismo editorial francês na América, que fixaram filiais em Buenos Aires e na Cidade do México<sup>65</sup>.

O expansionismo do mercado editorial francês possibilitou a entrada de muitos profissionais novos no setor, dado que se baseia no aumento contínuo do número de pedidos de licença junto aos órgãos públicos para a abertura de livrarias e de tipografias<sup>66</sup>. Foram estes profissionais, os chamados *nouveaux venus* da edição, que se beneficiaram da conjuntura favorável criada, *grosso modo*, entre a Monarquia de Julho e o *coup* de Napoleão. Foram caracterizados como *nouveaux venus* pelo veio empresarial que essa nova geração de livreiros e editores sustentava. Entre eles, era possível identificar uma grande parcela de aventureiros, que jamais tiveram contato prévio com o setor editorial. Situação bem diferente da observada no Antigo Regime, em que dominava o espírito corporativo<sup>67</sup>.

Repassemos em breves linhas a história dos Garnier. O irmão mais velho do clã instalou-se na capital francesa – pois eram de origem normanda

– em 1828. No princípio, Auguste Garnier trabalhou em uma livraria do *boulevard* Montmartre. Em 1833, abriu seu próprio estabelecimento, em uma galeria do Palais-Royal. Pouco a pouco, a empresa progrediu, e os irmãos se reuniram em Paris. Primeiro Hyppolyte, que acompanhou o primogênito na livraria e, posteriormente, na editora. Em seguida, Pierre, que se dedicou ao comércio de livros usados. E, finalmente, Baptiste Louis, que acabou por se separar dos irmãos para abrir uma filial no Rio de Janeiro, em 1844.

Segundo Jean-Yves Mollier, a vinda para o Brasil representa algo mais que a garantia de expansão comercial em terra nova – que, na verdade, já era bem conhecida no meio livreiro. Na verdade, ela garantia a circulação de um gênero lucrativo, mas fortemente perseguido pela polícia francesa: os folhetos e livros eróticos, senão obscenos<sup>68</sup>.

Além do gênero galante – proibido por lei na França, mas restrito no Brasil apenas por razões morais<sup>69</sup>, o que explica o interesse em exportar estes impressos –, os irmãos Garnier investiram na edição de fascículos com baixo

65. Sobre as origens da “maison Garnier” (cf. Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les lettres* (em especial, o capítulo IX: “Les frères Garnier, Les Hetzel père et fils, Pierre Larousse et les siens et les vraies grandeurs de l'édition”, pp. 235-278).

66. A informação se baseia em pesquisa realizada no Arquivo Nacional da França. Compulsamos as séries relativas ao pedido de licença – os chamados  *brevets*  – para abertura de livrarias no século XIX, precisamente durante a vigência da censura para os impressos, de 1802 a 1881 (ou até 1906 para o teatro – se bem que esta, obviamente, foi deixada de lado). Essa massa documental foi agrupada pelas iniciais dos nomes dos implicados e em função de recortes cronológicos, que variam de quinquênios a décadas. Esse material, sem dúvida, tem valor inquestionável para os estudiosos do livro. A partir destes registros, é possível investigar a origem e os trâmites legais que conduzem à abertura de uma livraria e/ou tipografia nos domínios franceses. E, por extensão, as origens empresariais de livreiros que expandiram seu mercado para o estrangeiro. Além disso, a documentação interessa aos pesquisadores voltados para a problemática das livrarias estrangeiras na França. Vale notar que se trata, efetivamente, de corpo documental notável também do ponto de vista quantitativo: são 4 323 artigos, 1 800 registros e 2 523 fichas, segundo informações obtidas no catálogo geral – Archives nationales de France – série F-18.

67. “Estes profissionais são os novos editores franceses. Eles souberam tirar proveito do centralismo político para a construção de um mercado nacional francês do impresso. Eles souberam, igualmente, após um certo número de derrotas, ‘inventar’ produtos novos (nas suas formas, mas também em seus conteúdos) suscetíveis de alimentar o mercado, tais como a coleção pedagógica, de Louis Hachette, e a ‘livraria’, depois ‘literatura industrial’, com Gervais Charpentier e seus sucessores e imitadores” (Frédéric Barbier, “La révolution libératrice: l'exemple des activités du livre en France, entre Révolution Politique et Révolution Industrielle”, p. 46). A este respeito, cf. Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les lettres*, *passim*.

68. Com base nos relatórios de polícia, Jean-Yves Mollier reconstituiu um perfil ainda pouco explorado da história editorial francesa – que, na verdade, se cruza com a origem do mais importante livreiro-editor “brasileiro” no Oitocentos. O nome dos irmãos Garnier aparece diversas vezes em relatórios policiais. Pierre, o irmão mais moço, chegou a ser julgado e considerado culpado por envolvimento em comércio ilícito de impressos. Desse modo, para se ver livre de novos processos, a empresa chegou a enviar ao irmão Baptiste Louis, em 1852, uma remessa que não deixa dúvidas sobre o peso deste gênero (os folhetos e livros eróticos) nas exportações realizadas pela Garnier: “500 exemplares de *Rideau levé ou l'Éducation de Laure*, 130 *Chansons grivoises*, 450 *Caroline de Saint-Hilaire*, 300 *Sainte Nitouche*, 120 *Amours et galaneries des actrices*, 250 *Mémoires de Suzon*, 650 *Libertin de qualité*, 260 *La belle Cauchoise*, 40 *Messaline française*, 30 *Veillés d'une maison de prostitution*, 100 *Millord Arsouille*, 370 *Juliette*, 10 *Justines ou les Malheurs de la Vertu*, *The life and adventures of Silas Schorewell* etc.” A remessa totalizou 12 000 volumes (Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les lettres*, p. 238).

69. O *Código Criminal* do Império previa a censura de impressos em duas situações: “Parte IV – Capítulo 1 – Offensas à religião, à moral e bons costumes: Art. 277: Abuzar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Império, por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuírem por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em públicas reuniões, ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar. Art. 278: Propagar por meio de papeis impressos, lithographados ou gravados, que se distribuírem por mais de quinze pessoas, ou por discursos proferidos em publicas reuniões, doutrinas que directamente destruão as verdades fundamentais da existência de Deus e da immortalidade da alma” (Araújo Filgueiras Junior, *Código Criminal do Império do Brasil anotado com os actos dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário*, pp. 276-277). Na segunda metade do século, a literatura licenciosa parece ter circulado livremente na capital do Império, como demonstra o estudo de Alessandra El Far: “Todas, sem exceção, salientavam o fato de esses textos serem direcionados exclusivamente ao público masculino, em função dos possíveis efeitos perniciosos sobre o caráter das senhoras e das moçoilas de boa família” (Alessandra El Far, *Páginas de Sensação...*, p. 184).

custo de produção e alta tiragem. A maior parte destes eram de conteúdo político, bem no espírito do tempo, como *La vérité dévoillée aux ouvriers, aux paysans et aux soldats*, para o qual foram impressos em torno de seiscentos mil exemplares, em 1849. Ao lado destes gêneros, havia toda a sorte de títulos de viagem, livros escolares, obras históricas e literárias que gravaram o nome Garnier na história editorial francesa e brasileira.

A Livraria Garnier passou por grave crise nos anos de 1890, mas sobreviveu no comércio fluminense até 1934. Fechou suas portas praticamente na mesma época em que a Casa Garraux encerrava sua história na cidade de São Paulo – em 1935.

Mas Anatole Louis Garraux é apenas figura pálida nesse grande mar de histórias a que nos remetem os livros, com seus autores célebres, suas formidáveis histórias editoriais e, mesmo, as quase sempre interessantes histórias de editores notáveis, que inscreveram seu nome no mercado da edição. À sua maneira, Garraux seguiu os caminhos dos Garnier, particularmente o de Baptiste Louis: instalou-se no Rio de Janeiro, como empregado de uma livraria, a propósito, da própria Livraria Garnier<sup>70</sup>, veio para a capital paulista como agente de livros franceses; e aqui logrou realizar um grande feito, tornar-se o maior livreiro da cidade a despeito de outros poucos, mas tradicionais, concorrentes, que se beneficiavam do comércio regular com alunos e lentes da Academia de Direito.

Não podemos afirmar que Garraux tenha construído, a exemplo de seus conterrâneos, um império do livro. Embora tenha deixado grande fortuna para seus descendentes, seus bens estavam muito longe de se equiparar à riqueza acumulada por Hippolyte Garnier, que se tornou o livreiro-editor francês mais rico do século XIX<sup>71</sup>. Ao contrário de Baptiste Louis, o funda-

70. “Em 1860, o livreiro Baptiste Louis Garnier, do Rio de Janeiro, abriu uma filial em São Paulo, fato por si só indicador de que o mercado de livros já era de bom tamanho, e confiou-a a Anatole Louis Garraux (1833-1904), que vinha trabalhando para ele desde que chegara da França com dezessete anos” (Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 227).

71. “Diante da impossibilidade de percorrer a declaração de sucessão deste homem de negócios, contentemo-nos com uma avaliação plana: ao menos quinze milhões para o parque imobiliário, três para a empresa, temos já 18 milhões, um pouco mais do que o total da fortuna de Calmann Lévy em 1891. Supondo a existência de uma carteira mobiliária, e veremos porque motivo esta sugestão não é gratuita, aplicações russas, então na moda, e contas bancárias, mais ou menos guardadas, no Rothschild e na Banque de France, onde era cliente, sua fortuna real deve girar em torno de 25 milhões, cifra evidentemente considerável. De qualquer maneira e isto nos basta, o

dor da livraria no Rio de Janeiro, Anatole Louis Garraux não deitou raízes no Brasil.

Ele se instalou na cidade de São Paulo no final de 1859. Porém, antes de fundar seu próprio estabelecimento, montou um balcão ao lado da livraria do Pândega, onde vendia exemplares do *Monde Illustré* e da *Illustration*<sup>72</sup>. Em 1863, abriu a Livraria Acadêmica, no Largo da Sé n. 1, bem próximo à atual rua 15 de Novembro. Teve como sócios Guelfe de Lailhacar e Raphael Suarez, como anuncia o catálogo de 1864<sup>73</sup>.

Na década de 1860, o livreiro Garraux lutou com tenacidade para a conquista de seu público. Publicou catálogos de livros, que eram distribuídos na capital e no interior da província. Anunciava seus produtos nos impressos da cidade. E explorou o quanto pôde a sua condição de agente cultural francês, posto que não vendia livros apenas, mas um leque muito amplo de produtos que concorriam para a civilização das gentes<sup>74</sup>.

Aventurou-se no ramo editorial.

O primeiro exemplar publicado com sua marca foi o *Novo Método de Ensinar a Ler e Escrever Composto pelo Director do Prytaneo Litterario* (S. Paulo, Garraux, De Lailhacar & Cia., 1863, in-12). Em seguida, mandou imprimir o livro de Fagundes Varela, *Cantos e Phantasias*, lançado em 1865, nos formatos in-8 e in-12, e *Exposição da Doutrina Christã para Uso dos Fieis da Diocese de S. Paulo*, por d. Antônio Joaquim de Mello, pequeno volume in-14, impresso em 1874<sup>75</sup>. Deve se tratar de uma reedição, pois há no *Catálogo* da livraria,

editor mais rico da França do século XIX foi Hippolyte Garnier, tendo se tornado um exemplo de sucesso, a um só tempo econômico, social, em um domínio onde possivelmente não teríamos buscado este perfil de empreendedor” (Jean-Yves Mollier, *L'Argent et les lettres*, p. 245).

72. Segundo Almeida Nogueira, Anatole Louis Garraux montou sua livraria “em fins de 1859”, “ao lado da livraria do Pândega ou mesmo numa seção dela e à sua sombra”. Ali, continua o memorialista, ele tratou de dispor “um pequeno balcão onde exibia sua figura simpática e sorridente de homem loiro, com grandes bigodes, dotado da amabilidade característica dos franceses. [oferecendo] papéis para cartas, penas, lápis e mais objetos de escritório, além de exemplares avulsos da *Illustration* e do *Monde Illustré*. Essa modesta quitanda, dirigida por Mr. Anatole Garraux, era o ovo de onde tinha de sair a grande e suntuosa Casa Garraux, que se instalou definitivamente em 1860, como filial da Livraria da Casa Imperial do Rio de Janeiro” (J. L. de Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo*, p. 148).

73. Nos primeiros catálogos, a Livraria Acadêmica vinha com a indicação de “Garraux, de Lailhacar & C.”, inscrita no cabeçalho da página de rosto. É provável que a sociedade não tenha se mantido na década de 1870, pois no catálogo de 1872 figura apenas referência a A. L. Garraux.

74. Uma análise formal dos catálogos será apresentada na seção seguinte.

75. Os livros eram impressos em Paris e depositados na Bibliothéque Nationale de France, seguindo

de 1872, o seguinte anúncio: “Lindíssima edição impressa e encadernada em Pariz, adornada de uma finíssima gravura sobre aço, representando a imagem de Nosso Senhor. *Obra adoptada pelo Conselho de Instrução Publica*. E em porção far-se-há abatimento razoável”<sup>76</sup>.

A. L. Garraux não foi o primeiro editor de Fagundes Varela, antes, publicaram-se obras suas na tipografia Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques: *Noturnas*, 1ª série, 1861, opúsculo de 31 páginas que reúne seus primeiros poemas escritos em São Paulo; *O Estandarte Auriverde – Cantos sobre a Questão Anglo-brazileira*, 1863, 24 p.; e *Vozes d’América – Poesias*, volume que reúne boa parte da produção impressa nos opúsculos citados e em jornais – pois Fagundes Varela publicou regularmente nos periódicos paulistanos desde sua chegada na capital, em 1859<sup>77</sup> – e algumas peças de teatro.

A edição de Garraux, de Lailhacar e Cie., 1865, é a primeira que traz o seguinte aviso: “Todos os direitos de propriedade são reservados”.

O autor vendera a A. L. Garraux os direitos de publicação de sua obra, segundo registro lavrado no 1º Tabelião de Notas de São Paulo, nas condições seguintes:

Escreptura de vendas que faz Luiz Nicolau Fagundes Varela a Garraux de Lailhacar e Companhia da propriedade de sua obra manuscripta – Cantos e Phantasias – pelo preço de duzentos e vinte e cinco mil reis por tempo de seis annos, com as condições que abaixo se declara [...].

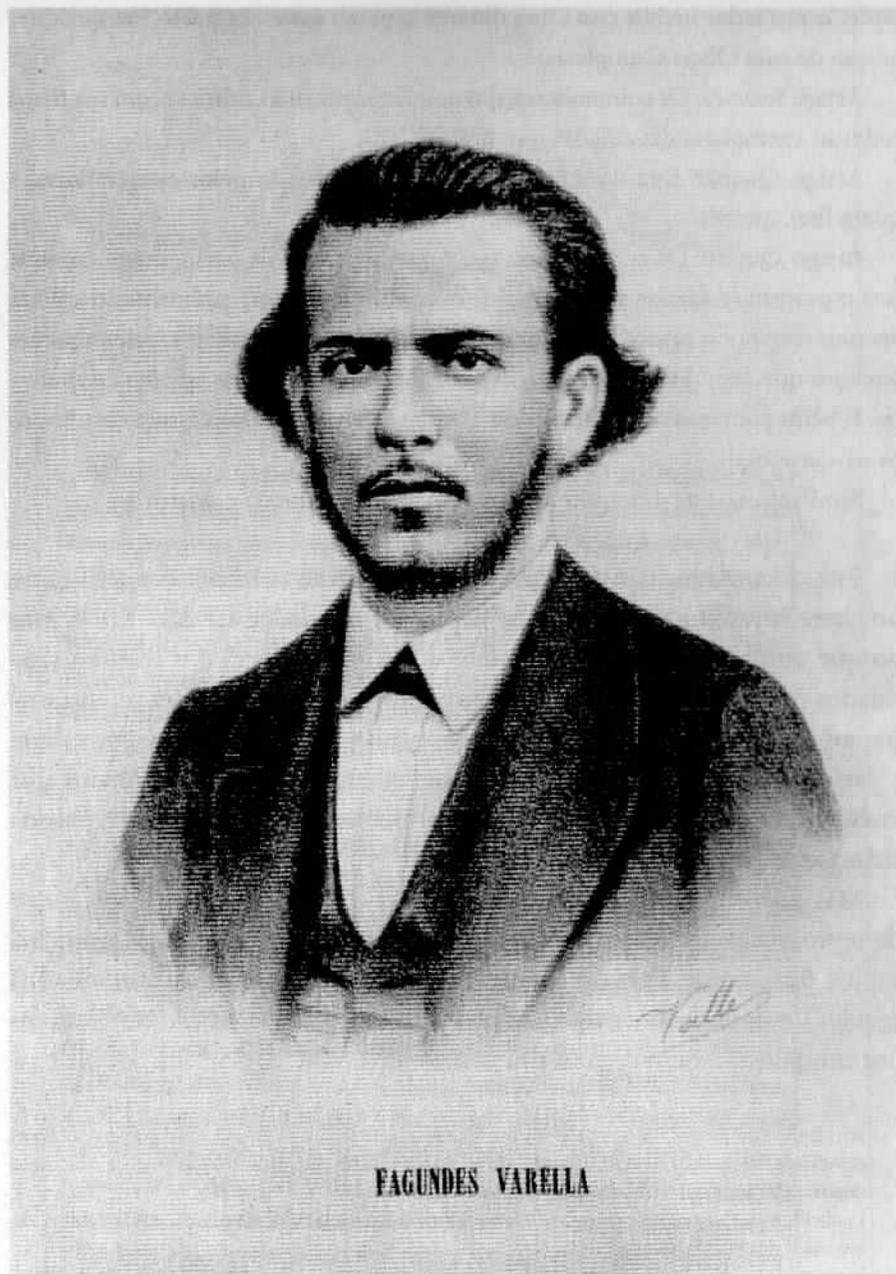
Artigo Segundo: ésta venda é feita somente por tempo de seis annos a contar da data d’esta escriptura, e durante esse tempo o vendedor [leia-se, o autor] não poderá fazer imprimir por sua conta a mesma obra, ainda mesmo com outro titulo ou com quaesquer addições, e muito menos poderá negocial-a de qualquer modo com outras pessoas sob a pena do artigo duzentos e sessenta e quatro paragrapho segundo do Codigo Criminal<sup>78</sup>. Esta prohibição comprehende tambem de não

a legislação do *dépôt legal* vigente neste país. Esse fato possibilitou a identificação e o reconhecimento destes livros.

76. Livraria Acadêmica de A. L. Garraux, *Catálogo em linguas Portugueza e Franceza*, 1872 (Informe publicitário). Note-se que também nesta obra há alusão ao Conselho de Instrução Pública (grifos meus).

77. Cf. Edgard Cavalheiro, *Fagundes Varela*.

78. Além do artigo 264, que proibia a publicação de obras de outrem, o *Código Criminal* previa a pena sobre a seguinte atividade: “Título III – Capítulo I – Dos crimes contra a propriedade – Furto. Art.



20. Fagundes Varela, retrato descoberto por Carlos Penteado de Rezende, em 1945, no Gabinete de Leitura Sorocabano.

poder o vendedor incluir esta Obra durante o prazo deste contracto, em qualquer edição de suas Obras Completas.

Artigo Terceiro: Os compradores, si o quizerem, poderão rubricar com sua firma todos os exemplares das edições que tirarem.

Artigo Quarto: Este contracto poderá ser traspassado pelos compradores, a quem lhes convier.

Artigo Quinto: Os compradores ficão com o direito de persiguiem, como si fora o proprio vendedor, a terceiros que imprimirem sem sua authorização a Obra vendida durante o prazo d'este contracto. Esta condição abrange a todos aquelles terceiros que, sem dita authorização, publicarem e venderem as edições contrafeitas. E pelos compradores foi dito que acceitavão a presente escriptura com todos os seus artigos. [...]

São Paulo, seis de dezembro de mil oitocentos e sessenta e quatro<sup>79</sup>.

Este documento consiste em raro exemplar de contrato firmado entre um livreiro-editor e um escritor instalados na cidade de São Paulo. Isso porque estudos recentes demonstram que a maior parte dos contratos assinados por autores expressivos de nossa literatura oitocentista se concentraram na Corte imperial. O que equivale afirmar que a primeira cidade a dar condições para a profissionalização do autor foi Rio de Janeiro, por razões várias de ordem socioeconômica e cultural que não serão reproduzidas neste estudo.

Mas o acordo estabelecido entre Garraux e Fagundes Varela estava longe de reproduzir os contratos firmados por seu compatriota, B. L. Garnier, na capital fluminense. Pois, ao assinar este documento, automaticamente Fagundes Varela deixou de ter qualquer controle sobre a edição de seu livro por um período de seis anos. Em outros termos, A. L. Garraux adquirira o

261: Imprimir, gravar, lithographar ou introduzir quaesquer escriptos ou estampas, que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros, enquanto eles viverem, e dez annos depois de sua morte, si deixarem herdeiros:

Perda de todos os exemplares para o autor ou traductor ou seus herdeiros, ou na falta delles, do seu valor dos exemplares.

Si os escriptos ou estampas pertencerem a corporações, a prohibição de imprimir, gravar, lithographar ou introduzir, durará somente por espaço de dez annos" (*Código Criminal do Império do Brazil...*, pp. 276-277).

79. Certidão firmada junto ao Primeiro Tabellionato. Comarca da Capital. Tabellião Filinto Lopes. (Fac-símile) (*apud* Israel Souza Lima, *Fagundes Varela e França Junior...*, p. 143).

**PRIMEIRO TABELLIONATO**  
**COMARCA DA CAPITAL**  
**S. PAULO**

Tabellião: *FILINTO LOPES*  
TELEPHONE 2-1275 - TRAVESSA DA SÉ, 9

**CERTIDÃO**  
*Filinto Lopes, primeiro tabellião de Notas da Capital do Estado de São Paulo,*

*Certifico, a pedido verbal da pessoa interessada, que perante eu meu cartorio e livro de notas sob numero sessenta e um milles, 6 folhas tanto e vista a quatro verso, escriptura de teor seguinte: "ESCRITURA DE VENDA que fez JUIZ NICOLAU FAGUNDES VARELLA s.Garraux de Leilhaes & Companhia de propriedade da sua obra manuscrita - Cantos e Phantasia - pelo preço de duzentos e vinte e cinco mil reis por tempo de seis annos, com as condições que abaixo se declaram. SABBÃO quantos este Publico Instrumento de Escripura de venda vires que no livro de Escripuras de Notas Escripuras de venda de mil, quinhentos e sessenta e quatro, aos seis dias do mes de Dezembro de dito anno, nesta Imperial Cidade de São Paulo, e meu cartorio, comparecerão partes entre si justas e contradictas, de uma como vendedor Luiz Nicolau Fagundes Varella, e de outra como compradores Garraux, de Leilhaes & Companhia, pessoas reconhecidas de mim tabellião pelas proprias, de que dou fé; pelo vendedor dito Luiz Nicolau Fagundes Varella foi dito, perante os testemunhas abaixo nomeadas e assignadas que vendia a Garraux, de Leilhaes & Companhia sua obra manuscrita denominada - Cantos e Phantasia - pelo preço de duzentos e vinte e cinco mil reis; Artigo segundo. "Esta venda é feita somente por tempo de seis annos e contar desde desta escriptura, e durante esse tempo o vendedor não poderá fazer imprimir, por sua conta e mesma obra, ainda mesmo com outro título ou com quaesquer addições, e muito menos poderá negociar-a de qualquer modo com outras pessoas, sob pena de artigo duzentos e sessenta e quatro paragraho segundo do Código Criminal. Esta prohibição comprehende tambem de não poder o vendedor incluir esta obra durante o prazo deste contracto, em qualquer edição*

21. Contrato de Venda de Direito Autoral.



edição de suas Obras Completas. Artigo Terceiro- Os compradores, si o  
 quizerem, poderão rubricar com sua firma todas as exemplares das edições  
 que tirarem. Artigo Quarto- Este contracto poderá ser trespassado pelos  
 compradores, a quem lhes couber. Artigo Quinto- Os compradores não tem  
 o direito de perseguirem, como si fora o proprio vendedor, a terceiros  
 que imprimirem sem sua authorisação a Obra vendida durante o prazo des-  
 te contracto. Esta condição abrange a todas aquellas terceiros que, sem  
 dita authorisação, publicarem e venderem as edições contrafeitas. E pe-  
 los compradores foi dito que aceitavão a presente escriptura com todos  
 os seus artigos. E de como assim o disserão e outorgarão no pedido lhes  
 fizesse a presente nesta Nota em virtude do bilhete de distribuição que  
 me foi apresentado devidamente sellado e é o seguinte: A Alvares, Es-  
 criptura publica de venda que faz Luiz Nicolau Fagundes Varela a Gar-  
 raux, de Lailhaer & Companhia da propriedade da sua Obra manuscrita -  
 Contos e Phantasias - pelo preço de duzentos e vinte e cinco mil reis,  
 por termo de seis annos. São Paulo, seis de Dezembro de mil oitocentos  
 e sessenta e quatro. Moraes. Numero Trinta e tres, Trezentos reis.  
 Pague trezentos reis. São Paulo, seis de Dezembro de mil oitocentos e  
 sessenta e quatro. Dias Leme.- Merval- De consequencia de cuja distribu-  
 ção e nelle lavrei a presente que sendo-lhes lida aceitavão e assignarão  
 com as testemunhas Antonio de Araujo Lima Macedo e Francisco Fernandes  
 Pereira. Reconhecidos de mim Emilio José Alvares, Tabelião que a escri-  
 ta. (ss.) Luiz Nicolau Fagundes Varela.- Garraux, de Lailhaer & Cia.  
 Antonio de Araujo Lima Macedo.- Francisco Fernandes Pereira. N A D A  
 N A I U se continha em dita escriptura bem e fielmente extrahida na  
 presente certidão e a cujo livro existente em meu poder e cartorio, se  
 referio a dos 16, São Paulo, vinte e tres de Novembro de mil noventos  
 e seis, mil oitocentos e trinta e um. Da

*Emilio José Alvares*  
*Tabelião, a subscricao, conferie escriptura.*  
*Tabelião*



direito de editar um livro, sem limite de edição e de tiragens; além disso, ele podia ceder ou vender o direito de publicação a outro editor sem o aval do autor. Tudo isso pelo montante de 225\$000!<sup>80</sup>

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman, os contratos realizados entre B. L. Garnier e seus autores eram redigidos nos mais variados termos, tendo em vista as circunstâncias das negociações e das condições acordadas entre autor e editor. Embora houvesse situações vexatórias, em que ficava patente a exploração promovida pelo editor, as autoras observam que no mercado fluminense, dado o desenvolvimento da vida intelectual, havia espaço para negociações.

Estas situações não parecem se aplicar a São Paulo. Tomando por base os exemplos assinalados pelas autoras, difícil não tomar o partido de Fagundes Varela, ao observar que a cessão de seus manuscritos, em uma conjuntura difícil de sua vida, formalizara-se em termos inescrupulosos<sup>81</sup>.

Este episódio, além de revelar uma faceta ainda desconhecida das atividades de Garraux na capital paulista, sugere a fragilidade do autor no meio intelectual citadino, no qual a produção literária, conforme assinalamos em outro capítulo, confundia-se com a vida acadêmica, sem a mediação de relações profissionais – que na Corte, diferentemente, já se vislumbravam<sup>82</sup>. Reforça este argumento a condição de quase indigência a que se submeteu o autor. Como dissemos, Fagundes Varela era reconhecido no meio literário nacional, colaborador de jornais, dramaturgo e membro de associações literárias acadêmicas – porquanto fosse aluno da Faculdade de Direito – porém era desprovido dos meios próprios para sua sobrevivência. Tal situação

80. Bem diferente foi o contrato firmado, em 1858, entre B. L. Garnier e Pandiá Calógeras, pela publicação de um manual de *História Média*. Embora o editado se responsabilizasse pelo custo de produção da obra – o que eventualmente ainda acontece em nossos dias – o acordo era exclusivo para a primeira edição, de 2000 exemplares (lembramos que se trata de um manual escolar) e, “em recompensa da cessão, o Sr. Garnier pagará, como com efeito paga ao sr. Calógeras, a quantia de Hum conto e seiscentos mil-réis, que lhe fica creditada em dedução da quantia de que é devedor ao Sr. Garnier” (apud Marisa Lajolo & Regina Zilberman, *O Preço da Leitura*, p. 97).

81. Conforme assinalamos, Fagundes Varela era um autor conhecido no meio literário. Era este seu segundo livro, sendo que o primeiro, *Vozes d'América*, havia lhe rendido críticas favoráveis nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo (cf. Edgard Cavalheiro, *Fagundes Varela*, pp. 131-132).

82. “A edificação da literatura que pode ser qualificada de nacional não se deu sem que escritores pedissem favores aos pares, por meio da correspondência privada, e aceitassem por vezes condições vexatórias, quando da negociação de suas obras” (Marisa Lajolo & Regina Zilberman, *O Preço da Leitura*, pp. 118-119).

LUIZ N. FAGUNDES VARELLA

# CANTOS E PHANTASIAS

1 vol. em-4º impresso e encadernado em Paris. 5:000

A mesma obra em-8º. . . . . 4:000

Este volume, composto das mais bonitas poesias do muito conhecido e muito apreciado autor das *Vozes da America*, contém 5 livros comprehendendo as poesias seguintes :

## LIVRO 1º. — Juvenilia

- 1º Lembra-te, Inah!
- 2º Era á tardinha.
- 3º Tu és a aragem p'rdida.
- 4º Teus olhos são negros.
- 5º Não vi quantos passarinhos.
- 6º És a Sultana das brasílicas terras.
- 7º Ah! quando face a face te contemplo.
- 8º Saudades.
- 9º Um dia o sol poente.
- 10º A' luz d' aurora.

## LIVRO 2º. — Livro das sombras

A... — Scisma á noite — Sextilhas — Horas malditas — Cântico do Calvario — Madrugada á beira do mar — Sombras — A' varzea — Queixas do poeta — Resignação — Protestos — Desejo — Desengano — Reflexões da meia-noite.

## LIVRO 3º. — Melodias do estio

Aspirações — O oceano — Em toda a parte — A um ciguitado — No ermo — Vozes no ar — Colmeia — Ira de Saul — Versos soltos — Sete de Setembro — Noite saudosa.

Um bonito volume nitidamente impresso e ricamente encadernado em Paris.

vem confirmar o quanto era frágil e prematuro o sistema literário na São Paulo de dantes.

Não espanta o fato de Garraux ter logrado imprimir em Paris uma bela edição de *Cantos e Phantasias*<sup>83</sup>. Afinal, este imigrante, como temos observado, estava muito à frente de seus pares nos negócios do livro na capital.

Segundo Raimundo de Menezes, a partir de 1876 a livraria passou por vários proprietários:

[...] para H. Michel, que permaneceu até 1ª de fevereiro de 1883, quando, por sua vez, a transpassou à firma Fischer, Fernandes & Cia. Esses passaram-na adiante, em 1ª de fevereiro de 1888, a Thiollier, Fernandes & Cia. Era sócio da firma o cidadão francês Alexandre Honoré Marie Thiollier, pai do escritor René Thiollier. Da firma, retirou-se a 28 de fevereiro de 1890 o sócio Fernandes, ficando apenas Mr. Thiollier, que ali permaneceu até 28 de fevereiro de 1896, quando passou a Casa Garraux<sup>84</sup> à firma Charles Hildebrand & Cia., que a explorou até 1912<sup>85</sup>.

A data de retorno do livreiro Garraux à Paris é incerta.

É improvável que tenha se transferido em definitivo para Paris no ano de 1876, pois no dia 10 de novembro de 1883 o viajante Karl von Koseritz faz a seguinte anotação em seu diário: “Foi um dia também muito animado no nosso hotel, pois ali se deram os casamentos das duas filhas do livreiro Garraux, e todo São Paulo foi convidado”<sup>86</sup>.

A transmissão da empresa para Henri Michel — “um antigo empregado da livraria”, como declara Raimundo de Menezes — realizou-se no âmbito familiar. Henri Michel foi, muito provavelmente, marido de Louise Julie, irmã de Garraux, que assinava pelo sobrenome de Michel. Lembremos que

83. No segundo semestre de 1864, Fagundes Varela havia tomado a decisão de se transferir para a Faculdade do Recife, enquanto sua esposa, acometida pela tuberculose, ficaria na fazenda de seus pais. Um ano mais tarde, ocorreu “o aparecimento de seu mais elaborado livro de poemas, os *Cantos e Phantasias*, cuja luxuosa edição, impressa em Paris [foi] anunciada em grandes títulos pelo *Diário de Pernambuco* em novembro desse ano, [vindo] apenas confirmar a opinião corrente” (Frederico Pessoa de Barros, *Poesia e Vida de Fagundes Varela*, p. 136). A difusão do livro no Recife era facilitada pela presença de Lailhacar, sócio de Garraux, nesta cidade.

84. Note-se que ela mantém o mesmo nome, tal foi a popularidade de seu fundador.

85. Raimundo de Menezes, “As Primeiras e mais Antigas Livrarias de S. Paulo”, p. 198.

86. Karl von Koseritz, *Imagens do Brasil*, p. 267.

em 1902, na época da confecção do testamento, A. L. Garraux declara que sua irmã era divorciada.

Parece-nos igualmente compreensível que a livraria tenha sido transferida para Willy Fischer, ou William Fernand Gustave Fischer, seu genro, casado com a filha do meio, Henriette Aspasia Julie Garraux – um dos casamentos ao qual alude von Koseritz, no mesmo ano da sucessão da empresa, em 1883. O que nos leva a crer que todas estas primeiras mudanças tivessem se realizado entre familiares, por razões que infelizmente nos escapam à compreensão.

O fato é que, nos anos de 1880, a figura de A. L. Garraux tornara-se célebre na sociedade paulistana. Tinha relações com acadêmicos e políticos, havia, enfim, formado sua *coterie*, como deixa entrever um memorialista:

Essa livraria, disse-me o Dr. Z..., quando nos retirávamos, *tem exercido benéfica influência na vida dos paulistas*: pode-se mesmo afirmar que em grande parte a ela se deve os *elementos da ilustração pública*.

– Creio que a podes denominar – *importante agência de civilização*; está a perder de vista da antiga livraria do Pândega, disse o jornalista, dirigindo-se ao Dr. Z...<sup>87</sup>.

Em 1898, o livreiro publicou um catálogo de livros sobre o Brasil, intitulado *Bibliographie Brésilienne*. A publicação foi alvo de críticas na resenha publicada por Miranda de Azevedo. Texto rigoroso, no qual o autor aponta lapsos de Garraux concernentes à sua pesquisa bibliográfica. Para tanto, ele se vale de trabalhos já publicados – se bem que não poupe nem mesmo a edição monumental de Sacramento Blake! – e de sua coleção particular. A resenha veio à lume na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*<sup>88</sup>.

Mas a intenção de Anatole Louis Garraux não parecia outra senão a de prestar homenagem ao Brasil – o que faz em tom carregado de nostalgia, pelo que se observa no “Prefácio” dedicado à “Nação brasileira”. No frontispício da obra aparece estampada, ao lado de seu nome, a seguinte inscrição: “ex-libraire à Saint-Paul (Brésil)”. Em suas palavras:

87. Firmo Albuquerque Diniz [Junius], *Em São Paulo...*, p. 85 (grifos meus).

88. Cf. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, n. 3, 1898, S. Paulo, Typographia “El Diario Español”, pp. 607-616.



23. Retrato de Anatole Louis Garraux (3.4.1833 – 26.11.1904). Bico de pena de Luís Jardim segundo litografia estampada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*.

# BIBLIOGRAPHIE BRÉSILIENNE

## CATALOGUE

DES

OUVRAGES FRANÇAIS & LATINS

**Relatifs au Brésil**

(1800-1898)

PAR

**A. L. GARRAUX**

EX-LIBRAIRE A SAINT-PAUL (BRÉSIL)

PARIS

CH. CHADENAT, LIBRAIRE

17, Quai des Grands-Augustins, 17

JABLONSKI, VOGT ET C<sup>ie</sup>

15, Rue d'Hauteville, 15

1898

Possa este catálogo, que eu dedico à Nação brasileira, ser positivamente acolhido por aqueles que se ocupam da América do Sul, tanto amadores, quanto colecionadores, bibliófilos, comerciantes, industriais e estudiosos! Possa ele ser útil a aqueles que se interessam por este grandioso e rico país! Estes que, juntos, devem formar uma legião, se eu julgá-los por um fato que eu mesmo constatei: nove décimos das obras aqui mencionadas não se encontram mais no mercado livreiro e muitas delas se tornaram extremamente raras<sup>89</sup>.

## 2. CATÁLOGOS: VISÃO DE CONJUNTO

– *Acudindo ao vosso chamado, eis-nos em S. Paulo. Somos as representantes da “civilização, da ciência, das artes, e das modas européas”; esperamos que por vosso intermedio seremos favoravelmente acolhidas pelo povo paulistano.*

– *Podeis entrar, posso afiançar-vos que sereis. Há aqui uma illustrada Academia; a mocidade ama as sciencias, e a população sabe dar apreço ás modas e á todos os artefactos de gosto<sup>90</sup>.*

Pelo texto acima, podemos concluir que a ideia de civilização expandira suas fronteiras. O conceito se mantivera inalterado, como deixa entrever um dicionário da época<sup>91</sup>. As referências também eram as mesmas e se fortaleciam nas tramas da tradição ilustrada francesa; mas a ideia de civilização comportava novas formas materiais. Os tempos eram outros, eram novas as exigências e novos os gostos. Mas se os referenciais continuavam franceses e os livros eram ainda tidos como elemento civilizador – mesmo que à ideia

89. A. L. Garraux, “Avant-Propos”, *Bibliographie Brésilienne. Catalogue des ouvrages français et latins Relatifs au Brésil (1800-1898)*, Paris, Ch. Chadenat, Libraire, Jablonski, Vogt et Cie., 1898, p. 8. Usamos a edição fac-símile, com introdução de Francisco de Assis Barbosa, “Alguns Aspectos da Influência Francesa no Brasil”. Curiosamente, esse mesmo livro teve reedição mais recente, de Amsterdam [por B. R. Grüner, 1971]. Ao folhear o volume, conclui-se que a editora se limitou a reeditar um fac-símile, sem nenhuma nota explicativa adicional.

90. *Cabrião*, 24 de março de 1867, 2. ed., edição fac-similar, introdução de Délio Freire dos Santos, São Paulo, Unesp, 2000, p. 84.

91. A certeza da vitória da civilização se confirma neste verbete de um dicionário francês do Oitocentos: [civilisation] “Nesse sentido, a humanidade progride da dispersão à solidariedade, da hostilidade bárbara à sociedade fraternal. Todas as condições, todos os fatores, todos os atributos da civilização nascem naturalmente desta ideia geradora. Entre estas condições, há três que, sem necessidade, nos cansaram os ouvidos em 1848 e que são, efetivamente, essenciais e primordiais: a família, a propriedade e a religião” (Maurice Block, *Dictionnaire général politique*, t. 1, p. 357).

de civilização se incorporassem outras mercadorias, indicativas de mudanças na cultura material da população – o que mudara, de fato? Mudaram as possibilidades.

Nesse aspecto, a Casa Garraux representou para a população paulistana (pelo menos para uma fração potencialmente consumidora) um espaço de inovação. Não apenas pelas mercadorias europeias ali vendidas, que enchiam os olhos daqueles que fitavam as vitrinas da loja, mas também pelo sortimento de títulos que o negociante francês dispôs em seus catálogos.

Sabemos que a venda de livros por catálogo consiste em prática antiga, que remonta aos primórdios do comércio livreiro na Época Moderna<sup>92</sup>. Naturalmente, não vamos refazer esse longo percurso. Mas vale lembrar que os catálogos consistiram em preciosas fontes, não apenas para o estudo das representações e das práticas de leituras, mas para a elaboração de uma geografia do livro<sup>93</sup>.

Aliás, faz-se necessário retomar este ponto, pois a firma Garraux, De Lailhacar e Cie. organizou uma ampla rede de vendas, tirando proveito das rotas de navegação e do comércio de cabotagem em vigor na costa brasileira. A principal atividade era a importação de livros franceses e sua distribuição nas livrarias do Recife e de São Paulo. Enquanto Garraux se fixou no burgo piratiningano, De Lailhacar montou sua livraria na rua do Crespo n. 9. Esta se tornou ponto de encontro da intelectualidade recifense.

Lembremos que os navios que percorriam os portos nacionais, de norte a sul, geralmente faziam escalas no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro. Além disso, estendiam-se muitas vezes para São Paulo – de forma mais regular desde o funcionamento da São Paulo Railway. Isso favoreceu as relações comerciais não apenas entre o Recife e São Paulo – reforçando os laços espirituais que aproximavam estas duas capitais – mas também com outras cidades portuárias do país.

92. Lucien Febvre & Henri-Jean Martin, *O Aparecimento do Livro*, pp. 313-354; P. Jeannin, “Les manuels de marchands: édition et diffusion”. E outros estudos, como os de Fernando Guedes, Artur Anselmo e Manuela Domingues (ver Bibliografia). Acreditava-se, de fato, que “um catálogo bem feito e oferecendo com exatidão todas as indicações úteis para se fazer conhecer um livro, é uma das melhores formas de publicidade para a venda de edições” (Congrès International des Éditeurs, *Vocabulaire Technique de l'éditeur* [s.v.: catalogue]).

93. A este respeito ver Capítulo III, item “Infraestrutura”, em que tratamos do sistema de circulação interna, e Capítulo IV, item “Semear ao Vento”, no qual abordamos os meios de transporte e de comunicação que possibilitaram as redes de comércio no Atlântico, durante o Oitocentos.

Todos os catálogos apresentavam o mesmo aviso, em português e em francês: “O Catalogo Geral será enviado gratuitamente sobre [sic] pedido, a qualquer ponto do Imperio”.

No primeiro *Catálogo* da livraria, Garraux e De Lailhacar publicam o seguinte texto de apresentação:

O immenso desenvolvimento das letras do Imperio do Brazil devido pela maior parte ao illustre Corpo Acadêmico de S. Paulo, impuz-nós a lei de reformar a nossa livraria de maneira á pol-a ão par do progresso, e das necessidades cada vez maiores do Respeitavel Público.

Para chegar á hum resultado verdadeiramente satisfactorio, não temos poupado sacrificio algum: depois de ter visitado as principais livrarias de França, Bélgica e Portugal, temos celebrado um tractado com os principais editores destes paizes, que nos remettendo directamente e sem intermediario, os seos livros, assim nos permitem de reduzir ainda a modicidade dos nossos preços com hum notavel abatimento.

A presenciam permanente em Paris, do nosso socio o Sñr. Raphael Suarez mantendo entre nós relações constantes, estamos habilitados a apresentar aos nossos freguezes as novidades notaveis sobre sciencias e artes, logo depois de sua publicação na Europa. Fiados na benevolencia do Respeitavel Publico os nossos esforços serão attendidos: o único resultado que almejamos sendo de completamente satisfazer as pessoas que se dignão honrar-nos de sua confiança, esperamos que os Nossos Freguezes e em particular o Illustre Corpo Academico se servirão continuar-nos a protecção que até hoje nos tem concedidos.

[Garraux, De Lailhacar & Cie, S. Paulo, 15 de outubro de 1863]<sup>94</sup>.

No início da década de 1870, quando A. L. Garraux aparece consolidado no meio comercial citadino, a sociedade com De Lailhacar foi desfeita. Talvez porque este já se encontrasse, como Garraux, devidamente instalado no Recife e não mais precisasse da ajuda do sócio. Afinal, como vimos, a relação de amizade entre os dois se manteve por longos anos. O domínio do mercado local deu meios para Garraux estender os negócios com os livreiros-editores do Rio de Janeiro, e tornar-se distribuidor das obras ali

94. Livraria Garraux, De Lailhacar & Cie. Catálogo dos livros necessários para os cursos jurídicos da Academia de São Paulo. Largo da Sé, nº 1, 1864. O texto foi, muito provavelmente, escrito do próprio punho dos autores, fato que se observa devido aos erros que apresenta.



publicadas<sup>95</sup>. Passou até mesmo a ser um concorrente na venda de edições francesas, dada a proximidade das duas capitais. Essa intenção foi declarada abertamente no catálogo de 1872:

Aviso – As obras brasileiras editadas no Imperio são vendidas pelo mesmo preço que nas próprias casas dos editores e não são sujeitas a abatimento algum. As obras estrangeiras são vendidas por preços mais baratos que em qualquer outra livraria.

Na mesma Casa há um Catalogo geral das obras portuguezas de educação, literatura, sciencias, artes, religião, etc., que sera enviado sobre pedido a qualquer ponto do Imperio<sup>96</sup>.

O material não apresenta nenhum aviso sobre as formas de quitação dos livros, no caso de compra a distância. Fica subentendido que esta era feita na forma de depósito nas casas bancárias, o que pressupunha a existência de um sistema financeiro organizado<sup>97</sup>. Ou seja, apenas nos centros urbanos interessava manter os negócios da livraria. Os livreiros informam que a remessa de livros pelo Correio acarretava uma “augmentação de 15% sobre os preços de Catalogo”<sup>98</sup>.

Além disso, os catálogos serviam como um regulador de preços no comércio local e em relação a outros centros. No caso de São Paulo, era inevitável a concorrência com as livrarias do Rio de Janeiro, pois somente na década de 1890 houve condições para a existência de um mercado concorrencial na capital planaltina. É o que observa o bibliotecário da Faculdade de Direito, em 1860:

95. Na verdade, desde o princípio a Livraria negociava edições nacionais, e não apenas as da Casa Garnier, cujos títulos aparecem com certo destaque nos *Catálogos*. Isso demonstra que Garraux era um distribuidor das edições de seus concidadãos, mas também de outras obras impressas no Rio e em São Paulo.

96. *Catálogo* Casa Garraux, 1872, p. 36. Seguindo o exemplo de livreiros fluminenses que publicavam anúncios de livros em São Paulo – conforme assinalamos no tópico dedicado à questão da infraestrutura e transportes – Garraux também publicou anúncios de vendas na capital do Império, nos quais “tentava convencer os estudantes cariocas a adquirirem os seus livros em São Paulo, sem acréscimo de preço, livrando-se assim do incômodo de viajar com uma bagagem grande e pesada” (*apud* Ubiratan Machado, *Etiquetas de Livros...*, p. 28).

97. Veremos mais adiante uma série de cartas de cobrança e ordens de depósito a livreiros – nacionais e estrangeiros – encaminhados à Biblioteca da Faculdade de Direito.

98. *Catálogo*, 1866, folha de rosto.

Sobre as publicações periódicas, escolhi aquelas que me parecem mais úteis e se pode conseguir dos Livreiros com o abatimento dos preços que pedem em seus catálogos, que ordinariamente são sempre os máximos, e elles costumam fazer sempre algum abatimento quando se lhes comprão muitas obras, como no presente caso. Não posso deixar de submeter a V. Exa., digo, á consideração de V. Exa., que pelos preços que proponho, há Livreiros nesta cidade que se obrigão a vender á Bibliotheca todas as obras pedidas, e a servir-a com as melhores edições e encadernações, e tanto quanto eu creio que se deva preferir a compra aqui nesta cidade, não havendo mais em conta na Corte, não obstante, V. Exa. determinará o que julgar melhor.

Deus guarde a V. Exa. por muitos annos. Bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo, 1<sup>a</sup> de Abril de 1860<sup>99</sup>.

Os catálogos também viabilizavam o conhecimento de toda uma fortuna bibliográfica, difícil de apreender em tempos de meios de comunicação tão precários. Um bibliotecário da Faculdade chega a protestar quanto à escassez deste tipo de material no comércio citadino:

Cidadão Sr. Dr. José Vieira de Carvalho,

Desejando enriquecer tanto quanto possível a Bibliotheca desta Faculdade com a aquisição das primeiras obras que se tem publicado sobre as materias que nella se ensinam, e *faltando-me bons dados para esse empreendimento, por serem muito poucas as livrarias e editoras que nos remetem seus cathologos*, resolvi dirigir-me à Vsa. Excelencia rogando o obsequio de enviar-me até antes de terminar o corrente mez, uma lista

99. Ele ainda informa, em anexo ao mesmo officio: “Tenho a honra de levar a presença de V. Exa. a factura das Obras e Publicações Periódicas compradas para esta Bibliotheca com a cota de dois contos de reis em conformidade do que V. Exa. me determinou, no contracto feito com o livreiro A. L. Garraux, o qual já se acha pago, como consta do seu recibo na factura inclusa, ficando outra de igual conteúdo archivada nesta Bibliotheca. Constando a lista das obras contratadas (?) de Obras raras e difficeis de serem encontradas, não foi possível ao dito livreiro achal-as todas não obstante tel-as mandado procurar em Portugal, e no Rio, faltando doze Obras destas, e havendo muita demora em completar a lista contratada pela dificuldade de achal-as, propuz a V. Exa. a troca destas por outras igualmente necessarias a esta Bibliotheca, pela qual ficou o contrato desempenhado, podendo as que não forão agora encontradas, ser contempladas em huma lista nova. [...] O contrato feito com o livreiro A. L. Garraux foi o que melhores condições offereceu a esta Bibliotheca abatendo 10% dos preços pedidos pelos outros livreiros, servindo a bibliotheca com as melhores e mais novas edições, e boas encadernações das Obras. [...] Bibliotecário responsável: José Innocencio de Moraes Vieira” (MAFD, livro 5).

das principais obras escriptas sobre a cadeira que V. Excia. tão sabiamente rege e que sabe não possuir esta Bibliotheca.

Ass. O Bibliothecario Joaquim de Mendonça Junior<sup>100</sup>.

Todas as facilidades que Garraux encontrou na cidade de São Paulo – uma combinação feliz entre a ausência de um mercado concorrencial<sup>101</sup> e o aumento do público leitor – fizeram com que sua livraria passasse a ser reconhecida como superior às do Rio de Janeiro. Uma propaganda que certamente agradava aos paulistas, ciosos em ultrapassar a capital do Império em todas as esferas da vida urbana. É o que declara o ex-estudante Firmo de Albuquerque Diniz:

Mais curioso porém é o outro fato: o Dr. Z... tinha lido na Gazeta de Notícias um estirado artigo de crítica, traduzido de um literato francês, sobre o poema de Victor Hugo – “La Piété Suprême”: ao termina-lo dizia a Gazeta que a obra estava no prelo, e dentro de dois meses haveria no Rio de Janeiro. Na noite imediata à leitura, apresentando-se o Dr. Z... à Casa Garraux para comprar um livro, o simpático e afável cidadão francês Michel, antigo empregado do estabelecimento, ofereceu o poema. O Dr. Z... comprou então um exemplar por dois mil réis, muito admirado de encontra-lo aqui, quando na corte só era esperado dentro de dois meses mais ou menos<sup>102</sup>.

Passemos aos livros.

100. Correspondência de 22 de agosto de 1882 (MAFD, livro 18).

101. Conforme vimos no mapa das livrarias em São Paulo, a possibilidade de concorrência se vislumbrou apenas no alvorecer da República. Antes, era Garraux que atingia diretamente os outros livreiros, entre eles o proprietário da Casa Levy, que se especializara no comércio de partituras. Vimos dezenas de anúncios, às vezes cópias de um mesmo clichê, estampados nas páginas de *A Província de S. Paulo*, todos eles dedicados à venda de partituras. Por exemplo, este anúncio publicado na edição de 5/2/1875: “*Album dos Rouxinoes* – com treze romances e doze lundus brasileiros, música para piano e canto composta por J. A. Cabral. Vende-se a \$3000 cada album, somente na Casa do Sr. Garraux, e no Hotel do Globo, rua da Imperatriz, n. 30”. O estudo citado de Janice Gonçalves confirma de forma segura este aspecto do comércio da livraria.

102. Firmo Albuquerque Diniz [Junius], *Em São Paulo...*, p. 85.



26. Rua Direita, 1862. Militão Augusto de Azevedo. À esquerda, Fachada da Livraria e Papelaria de A. L. Garraux e De Lailhacar e, ao lado, a antiga Sé.



27. Fachada da nova sede da Livraria Garraux (1905), na rua 15 de Novembro.

### Os Catálogos de Edições em Português

Como escreve Laurence Hallewell, “os catálogos por ela publicados [pela Casa Garraux] oferecem um registro sem igual do que existia disponível para o comprador brasileiro de livros da época”<sup>103</sup>.

Ao fazer o mapeamento do *Catálogo* de 1865, o autor chega aos seguintes resultados: 189 títulos de obras de Direito; 69 livros de religião e misticismo, “a maioria deles entre um e quatro-mil réis”; o item “Educação, alphabetos, grammaticas, dictionarios, compendios de geographia, historia, geometria, arthmetica etc.” relaciona 154 livros, “aproximadamente, da mesma amplitude de preços”; a seção “Artes e officios, medicina, miscelanea”, compõe-se de 45 livros, “de cerca de dois a quatro-mil réis”; em “Poesias, theatro, poetas nacionaes e estrangeiros”, somam-se 120 títulos, “com preços que vão até 22\$000, mas na maioria entre \$500 e 5\$000”; “Obras de litteratura, historia, novellas, romances illustrados etc. etc.” totalizam 473 títulos, dos quais, afirma o autor:

215 são traduções: uma do italiano, uma do espanhol (*D. Quixote*), uma do alemão, nove do inglês – na maioria, de Sir Walter Scott, mas incluindo *Piloto*, de Fenimore Cooper – e o resto do francês. Os mais populares destes são os livros de Dumas (75 títulos), Sue (22 títulos) e Paul de Kock (21); dos demais, Soulié, Paul Féval e George Sand estão bem representados, mas Victor Hugo menos. Flaubert tem apenas *Salambo*: teria *Madame de Bovary* permanecido intraduzido devido à sua franqueza, ou era apenas rejeitado como muito deprimente para o gosto brasileiro de então? Os autores portugueses mais populares eram Castelo Branco (evidentemente), Almeida Garrett e Herculano, enquanto José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo eram os principais entre os brasileiros<sup>104</sup>.

Os catálogos da Livraria Acadêmica eram impressos em Paris. Os exemplares apresentam sempre o mesmo formato, in-8, e seguem mais ou menos os mesmos critérios de distribuição dos livros em domínios temáticos. Os catálogos de edições francesas, numericamente mais significativas, podiam ser distribuídos separadamente, conforme o interesse da clientela. Ou em

103. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 227.

104. *Idem*, pp. 227-228.

um único volume, como tivemos oportunidade de conferir nos exemplares consultados na Biblioteca nacional da França. Os títulos de jornais eram organizados em catálogos especializados, e era comum o aviso para a retirada destes ou pedido via postal junto à livraria, segundo informe afixado nos anúncios de jornais e nos próprios catálogos de livros<sup>105</sup>. Todos os exemplares apresentam extenso inventário das mercadorias disponíveis na loja, como podemos observar nas chamadas publicitárias reproduzidas mais adiante.

A. L. Garraux parece ter utilizado as mesmas estratégias da Livraria Garnier do Rio de Janeiro. A propósito, os catálogos de uma e outra casa são muito semelhantes. Porém, como a empresa de B. L. Garnier mantinha atividades regulares na área editorial, seus catálogos eram também incorporados aos livros, na forma de encarte afixado no final da edição, como tivemos oportunidade de conferir em várias de suas publicações<sup>106</sup>.

O catálogo seguinte, de 1866, divide-se em dois segmentos: a “Parte Portuguesa” e a “Partie Française”.

Os livros em português, que compreendem a produção editorial brasileira e portuguesa, totalizam 1187 títulos. Compõe-se das seções constantes da Tabela 8, em ordem decrescente do número de títulos e de sua participação percentual.

Os textos literários em língua portuguesa são traduções e originais, seguindo a mesma tendência do catálogo anterior, apresentado por Hallewell. Os livros se distribuem em duas seções: “Poesias – Theatro, poetas nacionaes e estrangeiros” (113 títulos) e “Obras de Litteratura – História, Novellas, Romances Illustrados etc. etc.” (528 títulos).

Na seção de teatro e poesias, os autores nacionais e portugueses são predominantes. Há, na verdade, uma única tradução, a *Henriada* de Voltaire,

105. *Catálogo de Jornaes, da Livraria Garraux*, s. n. t.

106. É o que observamos no livro de J. M. Pereira da Silva, *Varietades Literárias*, Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1862 (impresso em Paris). No final do primeiro volume, aparece encartado o “Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier à Rio de Janeiro – Religion, Théologie, Liturgie, écriture Sainte, Piété, Droit Canon, Histoire Ecclésiastique, sermons etc., en Français et en Latin”. O encarte possui 38 páginas e todas as obras figuram com seus respectivos preços. No final do segundo volume há outro catálogo, de 16 páginas, de Garnier Frères Libraires-Éditeurs, “Bibliothèque Latine-Française. Réimpression des Classiques Latins de la Collection Panckoucke – Revus avec le plus grand soin”, format in-18 jésus; e, em seguida, o exemplar n. 3 do “Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier – Philosophie”.

TABELA 8. *Librairie Française – Garraux, de Lailhac & Cie, 1866.*

Parte Portuguesa	Número de Títulos	%
Obras Literárias	528	44,5%
Livros de Educação	204	17,2%
Legislação	198	16,7%
Poesias	113	9,5%
Religião	82	6,9%
Artes e Offícios	62	5,2%
Total	1187	

“poema épico, 1 vol., in-8º, encadernado”<sup>107</sup>. Nestes 113 títulos inventariados se apresenta ao público o repertório de autores da Academia de Direito de São Paulo. São as obras dramáticas de José de Alencar, a poética de Fagundes Varela – cujas edições foram, senão impressas, editadas na capital – livros de Bernardo Guimarães, Sizenando Nabuco, Álvares de Azevedo<sup>108</sup>, entre outras obras que revelam o movimento editorial das letras nacionais. Além disso, o leitor tem à sua disposição uma série de títulos ou coleções ancoradas pela crítica, e é comum a reprodução de comentários publicados em jornais, provavelmente com o intuito de familiarizar o público paulista com as publicações do momento, particularmente dos livros lançados na Corte.

Eram as obras agraciadas pela crítica as mais caras, cujos preços variavam entre seis e oito mil-réis para um volume simples, enquanto os valores dos demais exemplares custavam de dois a cinco mil-réis. Além das *Obras Completas* de Álvares de Azevedo, que constituem verdadeira exceção no con-

107. *Catálogo*, 1866, p. 73.

108. “Obras do Bacharel M. A. Alvares de Azevedo, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo dr. Jacy Monteiro, terceira edição correcta e augmentada com as obras ineditas, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor. 3 vol. Em-8º primorosamente impressos e encadernados em Paris.....9\$000  
a mesma obra, em rica encadernação dourada.....12\$000  
a mesma obra, 3 vol., em 4º.....16\$000  
a mesma obra, 3 vol. em 4º, ricamente encadernados.....22\$000”.  
A primeira edição das *Obras* de Álvares de Azevedo saiu pela Typographia Universal Laemmert, em 1855. Os mil exemplares tirados se esgotaram no período de cinco anos. As edições que se seguiram a esta foram publicadas por Garnier Irmãos. Em 1862, saíram a segunda e a terceira edições. A anunciada é a terceira (*Catálogo*, p. 75; Israel Souza Lima, *Adelino Fontoura e Álvares de Azevedo*, pp. 158-161).

junto, as edições que apresentavam valores entre seis e oito mil-réis eram as de Gonçalves de Magalhães, Tomás Antônio Gonzaga e Silva Alvarenga. Os autores mais populares, ou pelo menos aqueles que tinham os livros mais baratos no mercado, eram Joaquim Manuel de Macedo<sup>109</sup>, Machado de Assis, Rodrigo Octávio e Sizenando Nabuco<sup>110</sup>. Por menos do que isso, apenas o drama de Lopes de Mendonça, *A Corte de Philippe VI*, “imitação do verso espanhol”, por oitocentos réis.

A seção de “Obras de Litteratura – História, Romances Illustrados etc. etc.”, como indica o subtítulo, compõe a parte mais amplamente representada e também a mais heterogênea. Houve sensível acréscimo dos livros anunciados em relação ao catálogo anterior, de 473 títulos para 528. Como no exemplar de 1865, neste as obras em português concorrem em igualdade numérica com as traduções do francês. Mas, ao contrário do quadro apresentado pelo autor de *O Livro no Brasil*, a participação de traduções a partir de outros idiomas (inglês, alemão, italiano e espanhol) é praticamente inexpressiva<sup>111</sup>.

Difícil apreender esta seção em um só olhar. Ao lado das obras propriamente literárias, nota-se a inclusão de títulos de gêneros diversos, entre almanaques, biografias e, principalmente, obras históricas. Edições de Robert Southey<sup>112</sup> e Cesare Cantu<sup>113</sup> estão na mesma seção de textos traduzidos de

109. Joaquim Manuel de Macedo é o que apresenta maior variedade editorial em suas peças. A edição completa, em três volumes, in-8, “nitidamente impressos e encadernados”, saía a 98000. O primeiro volume se vendia separadamente, em brochura. Outras peças eram vendidas a 1\$500, e *Novo Othelo* era o único exemplar que saía pelo valor de \$500.

110. Por um mil-réis: José de Alencar, *Verso e Reverso – Comédia em 2 Actos*, 2. ed., revista pelo autor, 1 vol., brochado; Sizenando Nabuco, *O Cynico, Comédia-drama em 3 Actos*, 1 vol., in-12, brochado; Rodrigo Octávio de Oliveira Menezes, 1 vol., in-8; Machado de Assis, *Theatro*. Pouquíssimos exemplares, se levarmos em conta que se trata de uma amostra de 113 títulos.

111. Somente o *Catálogo* de 1872 apresenta vultoso repertório de obras estrangeiras.

112. “Robert Southey, *Historia do Brasil*, traduzida do inglez [...] pelo dr. Joaquim de Oliveira e Castro, e anotada pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, em seis magníficos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris .....36\$000”, foi editado pela Garnier. O anúncio vem acompanhado por extenso comentário publicado no *Correio Mercantil* à época da publicação (*Idem*, p. 98).

113. Podemos cotejar os grossos volumes da obra de Cesare Cantu em muitos sebos da cidade – o que confirma sua ampla circulação no curso de um século. A obra é anunciada na parte francesa, com um pequeno texto esclarecedor de sua recepção no meio literário francês e da própria concepção de história defendida pelo autor: “Cantu. *Histoire universelle*. 3e. édition française, traduite sur la 8e. édition italienne, par M. Lacombe, sous les yeux de l’auteur. 19 vol. in-4<sup>o</sup>. ‘A história universal do senhor Cantu tem o mérito de ter sido concebida sobre um plano totalmente novo. No lugar

Alexandre Dumas, Paul de Kock, Chateaubriand e Eugène Sue, para citar alguns dos autores mais frequentes.

O exemplar revela um traço importante a ser notado sobre a edição nacional. Não há distinção de títulos por domínios temáticos nas áreas de História, Geografia, Religião, Filosofia e Matemática. Além da inclusão de obras históricas na seção literária, estas aparecem igualmente elencadas, ao lado das demais áreas do conhecimento científico, na seção de livros de “Educação”. Podemos concluir, sem prejuízo para as histórias do livro no Brasil, que a edição nacional, nesse período, encontrava-se fortemente concentrada nos títulos de belas-letas. Começava a se destacar na área de educação e demonstrava certo equilíbrio na produção de livros jurídicos, área em desenvolvimento devido à passagem de pelo menos duas gerações formadas no país. Mas os títulos científicos – de humanidades e ciências exatas – ficavam à mercê dos currículos escolares e das traduções.

Não por acaso, a seção de manuais escolares é a segunda numericamente mais expressiva do catálogo. Ao lado desta e, em certo sentido, complementando-a, a de livros religiosos.

A seção de obras religiosas apresenta um aspecto curioso e que merece maior atenção da parte dos historiadores da cultura: há um domínio de livros de devoção, dedicados de modo geral às senhoras e às crianças, nos mesmos moldes dos títulos circulantes na época colonial, como assinala o estudo de Leila Mezan Algranti<sup>114</sup>. Contudo – daí o aspecto curioso ao qual nos referimos – a maior parte destes exemplares são versões ilustradas.

de passar em revista os diferentes povos, um após o outro, sistema que provoca necessariamente as perpétuas reiterações, ele faz progredir num só passo o gênero humano na sua totalidade, e põe aos nossos olhos o conjunto de suas vicissitudes e de seus progressos. Ele não tem como parâmetro as guerras e as revoluções, que por elas mesmas não são senão manifestações incompletas daquilo que as nações guardam no seu seio, tanto em termos de energia, como de fraquezas, de alegria ou de miséria; ele penetra na vida interior de cada uma delas; ele estuda os hábitos, a legislação, a literatura, as crenças, as opiniões, e ele nos mostra por detrás dos reis e dos heróis a massa imperceptível daqueles que trabalham, sofrem e esperam” (*Idem*, p. 425).

114. Segundo a autora, os abundantes pedidos de liberação de obras religiosas junto à Mesa do Desembargo do Paço, no período de 1808 a 1821, “pode tanto indicar que chegavam em maiores quantidades a fim de atender à tradicional demanda de livros religiosos no mercado livreiro americano – a qual ainda se mantinha – quanto sugerir que talvez os comerciantes se pautassem por padrões de períodos anteriores, já que ignoramos se os livros destinados à venda foram de fato vendidos. De qualquer forma, fica claro que, potencialmente, os leitores visados nesse segmento não eram apenas os indivíduos ligados à Igreja, pois a maior parte dessas obras era escrita para todo e qualquer católico, a fim de ajudar em suas devoções particulares, nas orações e no acom-

Observamos, em “A Fortuna dos Livros”, que a população planaltina da primeira metade do século guardava o hábito de colecionar imagens de heróis literários e de santos. É fácil perceber que estas imagens impressas em livros, ou mesmo soltas, convidavam à leitura, ou pelo menos a uma forma de leitura que não passa necessariamente pelo crivo da cultura letrada. De acordo com os estudos pautados nos objetos domésticos da população urbana oitocentista, estas imagens integraram o mobiliário familiar, nas diferentes camadas da sociedade, durante todo o século XIX<sup>115</sup>. Ninguém duvida da importância de tais obras para a formação intelectual e espiritual das pessoas, o que sugere uma feliz conciliação entre os progressos técnicos na área da impressão – em especial a litografia – e a resistência da tradição literária de cunho religioso. É o que vemos neste anúncio:

SESSENTA ESTAMPAS COLORIDAS – HISTORIA SAGRADA PITORESCA, OU O Livro das famílias religiosas, para a sua instrução e edificação. Obra inteiramente nova, constando de magníficos quadros coloridos em formato grande, representando os factos mais notáveis da Escripura Sagrada. Compreende dous volumes, contendo uma parte o Antigo Testamento em trinta quadros, e a Segunda parte o Novo Testamento em outros trinta quadros com texto explicativo. Cada volume encadernado em uma elegante capa impressa em cores.

Preço da obra completa em 4 vol. com 60 estampas coloridas..... 14\$000<sup>116</sup>.

A seção de obras religiosas não apresenta número significativo de traduções. Por outro lado, não parece interessar ao livreiro e, por extensão, ao público a leitura de textos em língua estrangeira, tendência contrária à dos

panhamento dos ofícios”. Nesse período de atividade de Garraux, some-se aos livros da tradição, como sugere a autora, o cuidado em anunciar os títulos religiosos recomendados pelo conselho de Instrução Pública (Leila Mezan Algranti, *Livros de Devoção*, p. 193).

115. Vale notar que nas fichas organizadas por Ernani Silva Bruno as referências a livros ou a estantes de livros são raras. Fica evidente que estes bens se fazem representar somente nas moradias abastadas. As imagens, ao contrário, estão em todos os meios familiares, e fazem-se representar em diferentes camadas sociais. Um exemplo colhido pelo historiador: “Sobre a cômoda, havia muito tempo, tinha uma estampa litográfica e colorida de Nossa Senhora dos Remédios e rezava-lhe todas as noites. [...] Manuel assentou-se pesadamente numa cadeira, junto dela [...]. São Luís, MA, 1881. Aluísio Azevedo, *O Mulato*, p. 40” (Marlene Milan Acayaba (coord.), *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira*, p. 127).

116. *Catálogo*, 1866, p. 36.

leitores de obras jurídicas e de literatura. Dos 82 títulos de obras morais, místicas, de oração e de devoção, há dez traduções do francês: entre textos antigos, como os comentários morais do abade Fleury, em circulação desde o período colonial<sup>117</sup>, e os autores do momento, como Ernest Renan (1823–1896), em sua *Vida de Jesus* (1 vol., in-4, encadernado). Dos textos latinos, tão comuns nas livrarias religiosas coloniais, como pudemos observar no estudo dos acervos que formaram a Biblioteca Pública da cidade, existem apenas dois títulos.

Parte significativa dos livros de religião, devoção e educação moral recebeu parecer favorável do “conselho de Instrução Pública”. O que corrobora a ideia de que os referenciais religiosos não foram de todo demovidos da superestrutura.

Nos “Livros de educação – alfabetos, grammaticas, dictionarios, compendios de Geographia, Historia, Geometria, Arithmetica etc. etc.”, as aproximações entre a Igreja e a escola se confirmam. Entre as obras históricas, inclui-se o seguinte anúncio:

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA, para o uso da infancia, seguida de um appendice, contendo: 1ª uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; – 2ª uma tabela chronologica dos principaes acontecimentos; – 3ª um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia, Composta pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. em 8º ..... 2\$000

A mesma obra, ricamente encadernada..... 3\$000<sup>118</sup>.

Nesta seção, os livros de moral religiosa, eloquência sagrada e histórias de santos somam onze títulos. Os alfabetos, que compreendem métodos para aprender a ler e a escrever, manuais de ortografia e cartilhas, perfazem dez títulos.

As gramáticas são mais numerosas (28 títulos), pois neste item existem tanto os compêndios de Língua Portuguesa quanto gramáticas de estudos de língua estrangeira, das quais as de francês figuram em maior número. Os

117. “O catecismo histórico de Fleury era obra recomendada desde a década de trinta pelas autoridades educacionais e a partir de 1883 ele constou no Catálogo da firma Alves e Cia.” (Circe M. F. Bittencourt, *Livro Didático e Conhecimento Histórico*, p. 159).

118. *Catálogo*, 1866, p. 49.

métodos de estudos de línguas estrangeiras aparecem com certo destaque. Ao todo, são doze títulos. Embora exista o predomínio do francês, a livraria possui métodos de estudos de inglês, italiano, espanhol e latim.

Embora pouco numerosos, os títulos latinos estão presentes entre os livros de leituras destinados às meninas e aos meninos. São eles: *Selecta Latina*, do padre M. S. L. Gama, “para leitura e analyse grammatical nas escolas de instrução elementar”<sup>119</sup>; Horatii (Quintii Flacii), *Carmina Expurgata*, 2 vols.<sup>120</sup>; Horacio, *Odes*, “traduzidas por Joaquim José da Costa e Sá, com o texto latino ao lado, acompanhadas de observações críticas e de notas philologicas e grammaticas. 3 vols. em 8º”<sup>121</sup>.

Em “leituras”, não há grandes dissensões em relação ao repertório apresentado nos inventários das bibliotecas analisadas nos primeiros capítulos, que correspondem, *grosso modo*, aos acervos formados no final do Setecentos. Figuram na listagem as *Aventuras* de Telêmaco, em versões traduzidas ou adaptadas, as *Fábulas* de Esopo e de La Fontaine, em textos integrais traduzidos ou adaptados, ao lado de outras histórias que servem para despertar nos meninos e nas meninas “o gosto da leitura”<sup>122</sup>, como indica um dos títulos anunciados. Ou, ainda, coletâneas de “prosas extrahidas dos melhores autores francezes e portuguezes, como Fénelon, Lesage, Florian, Berquin, João de Barros, Freire de Andrade, etc. etc., precedida de uma escolha de anedotas, bons ditos e pensamentos diversos. Em francez e em português”<sup>123</sup>.

Nem todos os volumes têm seus respectivos preços indicados, mas a maioria dos livros de leituras custavam entre mil e dois mil-réis. As edições de literatura geralmente apresentavam ilustrações. Ao todo, são 49 títulos anunciados.

119. *Idem*, p. 48.

120. *Idem*, p. 49.

121. *Idem*, *ibidem*.

122. *Idem*, p. 39.

123. Há até mesmo uma adaptação de Daniel Defoe, um *Robinson de Doze Anos*, “Historia de um jovem grumete abandonado n’uma ilha deserta. 2 vols. em 8º encadernados em um”. E, por fim, uma edição do Padre Vieira, *Cartas Selectas*, “precedidas de sua vida, e seguidas de um indice analytic dos assumptos e materias; offerecidas á mocidade portugueza e brasileira, cujos paizes illustrou com suas acções, e a quem deixou admiraveis exemplos a imitar; ordenadas e correctas por J. I. Roquette. 1 vol. em 8º, ornado com retrato de Vieira” (*Catálogo*, 1866, pp. 42, 55 e 58).

Há na listagem dezenove dicionários: históricos, geográficos, de língua portuguesa e de língua estrangeira. Também nesse caso a parte mais volumosa é a de dicionários da língua francesa.

São 26 os títulos de Matemática, distribuídos em Álgebra, Aritmética e Geometria.

Os manuais de Filosofia apresentam sete títulos listados, dos quais merecem destaque os compêndios de frei de Monte Alverne e de Genuense. O primeiro, frade franciscano, foi professor de Filosofia e Lógica no convento, orador respeitável na Corte de D. João VI. Seu compêndio foi publicado postumamente<sup>124</sup>. A propósito do segundo compêndio de Filosofia, escreve Cruz Costa: “pouco a pouco, porém, foram os compêndios ‘modernos’ – especialmente o de Genuense – os que se impuseram, pois eram indicados pela direção oficial do ensino”<sup>125</sup>.

Os manuais de Geografia compreendem principalmente coleções de mapas do Brasil e da Europa. O *Dicionário* do geógrafo veneziano Adrien Balbi (1782–1848) ainda circulava no mercado, pelo menos no catálogo de Garraux. A seção geográfica soma treze títulos.

Depois de literatura, as obras históricas constituem o conjunto numericamente melhor representado na seção de manuais escolares. São 27 títulos, divididos em Biografias (três), História do Brasil (dois), História Geral ou Universal (dezesseis), História da América (dois)<sup>126</sup>, História Natural (um), História Regional (um) e Mitologia (dois)<sup>127</sup>.

A proporção de títulos de História do Brasil para os de História Geral, de um para cinco, reflete bem o estágio de letargia da produção histórica nacional. Basta observar que entre os manuais anunciados há um repertório bem estreito de autores e títulos que versam sobre o Brasil: *Compendio de História do Brasil*, por General Abreu e Lima, 1 vol., in-8; *Epitome da História do Brasil, Desde o seu Descobrimento até 1857*, por José Pedro Xavier Pinheiro, 1 vol., in-8. Este quadro corrobora a tese de Circe M. F. Bittencourt sobre o caráter tardio das edições de manuais escolares de História do Brasil<sup>128</sup>.

124. Sobre a presença de frei de Monte Alverne no meio intelectual paulista, cf. Capítulo 1.

125. João Cruz Costa, *Contribuição à História das Ideias no Brasil*, p. 72.

126. Na verdade, são duas edições diferentes de um mesmo livro: *Resumo da História da América*, de Camillo Trinocq, uma edição in-18 e outra in-8.

127. Duas edições do mesmo título, também de Camillo Trinocq.

128. Analisando os currículos do Colégio Pedro II, de 1855 a 1878, a autora mostra o domínio da Histó-

Os livros de História Geral formam significativo conjunto de traduções<sup>129</sup>, adaptações, ou obras de síntese feitas sob encomenda. Este é o caso do *Compendio da História da Idade de Média*, de J. B. Calógeras: “Edição ornada de um grande e magnífico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos [...] obra adoptada pelo Conselho de Instrução Publica, com aprovação do governo Imperial. 2 vols. em-8º encadernados.....8\$000”<sup>130</sup>.

É bem provável que a edição encomendada a Calógeras pelo editor B. L. Garnier viesse concorrer com outra adotada no Imperial Colégio de Pedro II, assinada por Justiniano José da Rocha<sup>131</sup>. Este autor era responsável por outros dois compêndios usados na mesma instituição, um de História Antiga geral e outro de história grega. Livros vendidos a três mil-réis – portanto, bem mais baratos que a edição de Garnier.

Estes volumes resolviam uma dificuldade antiga, que era a do acesso aos livros de História Geral em português. É o que declara o autor desta sinopse que acompanha o anúncio do livro de Calógeras:

[...] a aquisição de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas [ficcando] a juventude privada do fio condutor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo esta deficiência, incumbio-se o sr. J. B. Calógeras de supri-la, organizando um compendio, onde a par de solida erudição espargida em paginas de brilhante colorido, depara-se com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor compreendida fosse a exposição que fazia, enriqueceu o seu compendio com quadros synopticos que n’um relance d’olhos despertão as

ria europeia (Antiga, Medieval e Moderna), com a entrada de História contemporânea a partir de 1878. Apenas nos currículos de 1862 e 1878 o Brasil – História e Corografia – foi incorporado nos estudos do 7º ano (Circe M. F. Bittencourt, *Livro Didático e Conhecimento Histórico*, pp. 140–141).

129. Por exemplo: “*Compendio de História Universal*, por Victor Duruy, ministro da Instrução Pública de França e ex-professor de história no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre Francisco Bernardino de Souza, professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol., em 8º.....3\$000” (*Catálogo*, 1866, p. 44). Segundo Circe M. F. Bittencourt, a “obra de Duruy permaneceu como modelo” durante muito tempo (*Idem*, p. 179).

130. O compêndio de Calógeras é apresentado por um longo texto, no qual o autor (não identificado) demonstra todo seu apreço pelo período medieval, classificando-o como “o mais importante da história por ser n’ele que apparecerão os povos que podemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilização” (*Catálogo*, 1866, p. 43). O livro foi editado por B. L. Garnier, em 1858, conforme contrato citado.

131. Justiniano José da Rocha, *Compendio de História Universal – História Antiga*, Rio de Janeiro, Typographia do Regenerador de Justiniano J. da Rocha, 1860 (*apud* Circe M. F. Bittencourt, *Livro Didático...*, p. 179).

reminiscencias e fortificação a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos de historia<sup>132</sup>.

Esforços isolados para suprir a necessidade de compêndios de história geral em português foram verificados em São Paulo, antes mesmo da organização de um sistema editorial. O professor do Curso Anexo, Julius Frank, organizara o compêndio de História Universal, que foi impresso na cidade em 1838. Nos anos de 1850, consta que na longínqua Santo Amaro o poeta e dramaturgo Paulo Eiró iniciou, aos 12 anos, uma colaboração com seu pai, professor da escola pública local. Eram as “Tábuas Cronológicas”, elaboradas com o auxílio de livros tradicionais, na maior parte edições setecentistas, em francês:

[...] tiradas do *Dicionário Histórico* de Chaudon & Delandine e traduzidas por Francisco Antonio das Chagas [pai de Paulo Eiró] e seguidas de um *Appendix* tirado da *Arte de verificar as datas*, *Histoire d’Irlande*, *Histoire de Danemark*, *Histoire de Norvège*, Bouillet, Lebas, Rollin, *Biographie Universelle* etc. etc., por P. F. S. C. (Paulo Emílio Francisco de Salles Chagas), filho de F. A. C., Santo Amaro e São Paulo, 1848, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854<sup>133</sup>.

A preferência por referenciais franceses criava outro embaraço para o público paulistano, pois havia dificuldade em adquirir títulos importados nas antigas e precárias livrarias da capital. Mesmo após a instalação da Livraria Garraux, esse problema não parecia de todo resolvido, ao menos segundo este professor de História e Geografia do Curso Anexo, que apresenta ao diretor da Faculdade um extenso inventário de seus dissabores no mercado livreiro da capital:

Tive a honra de receber a Portaria de Vsa. Exa. de 2 do corrente mez em que me ordena para bem do serviço público eu remetta á V. Exa. a lista dos

132. *Catálogo*, 1866, p. 43.

133. O biógrafo acrescenta a seguinte informação: “Este título é escripto com letra de Paulo Eiró, que, como se vê, adoptava então o nome de Paulo Francisco de Salles Chagas, primeiro que usou, seguido de Paulo Francisco de Salles, Paulo Emílio de Salles, Paulo Emílio de Salles Eiró e, finalmente, Paulo Eiró” (Affonso Schmidt, *A Vida de Paulo Eiró*, p. 83). Vale notar que muitos dos títulos assinalados na citação coincidem com os do inventário da livraria de D. Mateus de Abreu Pereira.

Compendios de que uso em minha aula, pelo que tenho a declarar que em Geographia o compendio é o do Senador Pe. Tomaz Pompeo de Souza Brazil – última edição. Esta obra deficiente e com muitos erros, está não obstante servindo já porque o Governo Imperial a havia adoptado no Imperial Collegio D. Pedro 2º e já por não haver a venda nas livrarias desta cidade o compendio de Houze [Hoerze?], obra grande, que é notavelmente superior a esse e outros compendios entre nós conhecidos, apesar de ser livro escripto há muitos annos, e por tanto não conter os recentes descobrimentos e as últimas alterações na Geographia Política de alguns Estados.

Em História foi o do inaugurador da aula Julius Frank, escripto em Portuguez. Tendo porém se esgotado os exemplares á venda, está servindo o compendio conhecido entre os Estudantes pelo nome de Bacharelado de que é editor Desobry, escripto em desenvolvimento ás theses de Historia Universal dada pelo Governo do Imperador na França Napoleão 3º, afim de ser aceita a obra que melhor satisfizesse o programma. Este livro tenho visto sob varios títulos. Os exemplares de que me sirvo são em três volumes escriptos “Par un professeur d’Histoire de l’Academie de Paris, Docteur es Lettres” e se intitula: o 1º Cours d’études pour la section de lettres, rédigé conformement aux programmes pour l’examen du Baccalauréat es lettres du 3 aout 1857; Histoire ancienne; o 2º Manuel d’études pour la préparation au Baccalauréat es lettres, rédigé conformement au programme du 5 septembre 1857. Histoire du Moyen Age. O 3º Précis d’Histoire Universelle d’après les nouveaux programmes. Histoire des temps modernes. Igualmente adoptado no Imperial Collegio D. Pedro II, si em falta de melhor se acha aceite; por quanto é aliás resumido para ser compendio, e nem desenvolvido como cumpre que o seja o Expositor. O livro de M. Desderville du Desert [sic], professor de História no Liceu Imperial de Tours, que se intitula *Programme d’Histoire Universelle d’après le plan d’études l’he é superior para compendio, mas entre nós não o há a venda.*

[Deos guarde a V. Exa. São Paulo, 10 de setembro de 1867. Illmo. e Exmo. Snr. Cons. Vicente Pires da Motta. Director da Faculdade de Direito. O professor de História e Geografia Diogo de Mendonça Pinto]<sup>134</sup>.

134. MAFD, *Correspondências Diversas*, 1844b (grifos meus). Curiosa a última observação, pois no *Catálogo* de 1866 – ou seja, um ano antes de emitida esta carta pelo professor – encontramos o seguinte anúncio: “Desdevides du Dezert. *Programme d’Histoire Universelle*, d’après le plan d’études, 1 fort vol. in-8º”. E, em seguida, um comentário da obra, em francês, que justifica o juízo feito pelo professor: “Escriver um verdadeiro programa, suficientemente curto para não dispersar a atenção dos alunos e, no entanto, suficientemente completo para satisfazê-los em todos os exames, que se

A parte de edições em português no *Catálogo* de 1872 é bem mais modesta. Isso não significa que o livreiro tivesse deixado em segundo plano o comércio de livros portugueses e brasileiros. Sobretudo os últimos, pois, como ele anuncia no documento acima citado, “as obras brasileiras editadas no Imperio são vendidas pelo mesmo preço que nas proprias casas dos editores e não são sujeitas a abatimento algum”<sup>135</sup>.

Mas o exemplar de que dispomos, relativo ao ano de 1872<sup>136</sup>, não apresenta nenhum desses livros. Apenas um repertório muito acanhado de edições do gênero: no primeiro volume, uma seção de “obras diversas recomendadas aos nossos leitores”, cujo título se nos apresenta originalmente em francês, compõe-se de 29 títulos; e, no segundo, um apêndice com obras de Legislação em português, que reúne obras de Jurisprudência, Direito Patrio, Estrangeiro, Economia Política, Direito Commercial, Penal e Criminal, Civil, Público, Eclesiástico, Natural, Finanças, Direito Administrativo e Prática. Ao todo, a seção soma 297 títulos, quase cem a mais que o exemplar de 1866, com algum acento para edições recentes e brasileiras – mas nada digno de nota, sobretudo quando comparamos estes exemplares de edições em português com a parte francesa.

A seção de “obras diversas...”, como o título indica, conforma uma amostragem muito heterogênea, o que dificulta a compreensão dos critérios

possa apresentá-lo num só volume, com uma impressão cuidadosa e um formato cômodo, que contenha a totalidade das matérias ensinadas, e que responda, num mesmo golpe, as necessidades de todas as classes, eis o objetivo do autor. Seu trabalho, fruto de uma longa experiência nos liceus, foi totalmente elaborado por ele, sem nenhuma colagem; trata-se de um livro, não de uma compilação. Os princípios sobre os quais a sociedade repousa são totalmente respeitados neste livro, sendo para os jovens dos estabelecimentos primários e secundários o guia mais claro e mais completo” (*Catálogo*, 1866, p. 425).

135. Além disso, nesse mesmo *Catálogo* o livreiro faz uma ressalva para o público escolar, o que subentende a venda preferencial de títulos em português: “A Casa Garraux está habilitada a receber em todos os collegios, estabelecimentos publicos, repartições etc., com as condições as mais vantajosas possíveis e com preços mais baratos do que em qualquer outra parte” (*Catálogo*, 1872, verso da folha de rosto). O interesse no público escolar se expressa igualmente nos anúncios publicados em jornais, como este que ora citamos: “Publicação – Recebemos um exemplar das *Lições de Geographia e Cosmographia* pelo sr. L. H. Canezza, obra redigida segundo o último programa da Instrução Pública para os exames n’essa materia. É um livrinho dedicado essencialmente ás escolas, e está no caso de fornecer à mocidade estudiosa muitas noções da geographia, mathematica, physica e política. A aceitação que tem recebido é muito lisonjeira, pois que vae já na 2ª. edição. Acha-se á venda na Livraria Garraux, nesta capital” (*A Provincia de S. Paulo*, 10.9.1875, folha 3).

136. Tomamos como base a data de entrada na Bibliothéque nationale de France – à época, Bibliothéque Impériale.

adotados pelo livreiro para a seleção dos títulos. Seriam as últimas edições saídas no mercado? As mais procuradas? As que receberam maior atenção da crítica? Muito provavelmente, a listagem revela uma combinação de todas estas possibilidades.

Todavia, o conjunto apresentado permite uma primeira tipologia da relação entre preço e gênero literário. Consta-se que a Livraria não se rendia a edições com preços populares, pois sempre partia de um valor mínimo de mil-réis – como se costumava dizer na época.

TABELA 9. *Obras Diversas Recomendadas aos Nossos Leitores.*

Domínio	Gênero	Número de títulos	Número de volumes	Preço menor	Preço maior	Média
Literatura	Prosa	6	11	2\$000	7\$000	3\$636
	Poesia	3	3	3\$000	4\$000	3\$333
Direito		7	8	\$640	9\$000	4\$830
História	Geral	-				
	Brasil	3	5	3\$000	48\$000	27\$800
Religioso		3	4	1\$000	17\$000	11\$000
Gramática		2	2	2\$000	3\$000	2\$500
Medicina		1		3\$000	3\$000	3\$000
Matemática e Física		4	4	1\$000	3\$000	2\$250

Fonte: *Catálogo*, 1872.

A propósito, os únicos gêneros que apresentam maiores discrepâncias entre o exemplar mais barato e o mais caro são História e Religião. No primeiro caso, a obra de Robert Southey, em “6 magníficos volumes – com rica encadernação dourada”, eleva a média dos livros de História. No segundo caso, o título *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, de D. Sebastião da Vide, supervaloriza o gênero religioso. O resultado, contudo, nos deixa longe das edições de um mil-réis, constatação à qual havíamos chegado ao observar a seção referente às poesias em edições portuguesas e brasileiras. Voltaremos a esta questão em outra oportunidade, quando estes valores deverão ser confrontados com outras mercadorias disponíveis no comércio da época.

Laurence Hallewell identifica um último catálogo que, de certo modo, foge à regra formal dos anteriores. Trata-se do exemplar de 1883. Nas palavras do autor,

[...] um volume lindamente encadernado em vermelho, que se inicia com 250 páginas de obras em língua estrangeira (das quais 33 em espanhol, 54 em alemão e 251 em italiano), seguidas de uma seção de 192 páginas de livros em português. Destes, cerca de 44% vinham de Portugal, 5% da França, 1% de outros lugares (Roma, Genebra, Nova York), e 50% tinham sinetes editoriais – embora, muitos, sem dúvida, fossem apenas publicados no Brasil, tendo sido impressos na Europa<sup>137</sup>.

Ao comentar a afluência da literatura francesa nas letras portuguesas e brasileiras, conclui o autor:

Muitos dos mais conhecidos autores franceses estavam representados exclusivamente por traduções publicadas em Portugal: toda a obra dos dois Dumas, todos os livros de Balzac, de Kock, Sue, de Chateaubriand (exceto um, vindo de Paris) e todos os de Féval, exceto um. Por outro lado, B. L. Garnier publicara toda a obra de Musset, a maior parte da de Júlio Verne e metade dos livros de Hugo e Gautier (o próprio catálogo havia sido impresso em Paris)<sup>138</sup>.

### A Parte Francesa

A parte francesa, ampla e diversificada, totaliza 5 489 títulos no *Catálogo* de 1866, distribuídos nas seguintes seções, discriminadas segundo os mesmos critérios adotados anteriormente: Nouvelles et Romans (1 434 títulos; 26,1%); Littérature (700; 12,8%); Philosophie (391; 7,1%)<sup>139</sup>; Éditions de

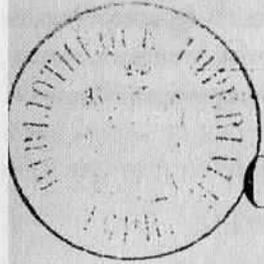
137. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 228.

138. *Idem*, p. 229.

139. Esta seção sugere a presença de leituras filosóficas ainda na segunda parte do século. O catálogo apresenta obras clássicas, da antiguidade à ilustração francesa, edições de D'Alembert, Montesquieu, Diderot e Voltaire, passando pelas obras de Bossuet e de outros moralistas do Seiscentos, tais como as temos encontrado nos catálogos de bibliotecas. Uma amostragem de obras raras revela o interesse de Garraux pela venda de volumes de ocasião que se encontravam fora do catálogo. Ele mesmo mostrou-se um colecionador, ao indicar que parte dos livros apresentados em sua *Bibliographie Brésilienne* eram seus. Há, inclusive, um curioso anúncio dedicado “aos leitores de MM. Cousin, Simon e outros filósofos modernos”. Trata-se do livro de J. Oudot, *Conscience et science du devoir, Introduction à une explication nouvelle du Code Napoléon*, 2 vols., in-4. “Esta obra – informa

GARRAUX, DE LAILHACAR & C<sup>IE</sup>

## LIBRAIRIE FRANÇAISE



## CATALOGUE

DES

LIVRES DE JURISPRUDENCE, ECONOMIE POLITIQUE  
ADMINISTRATION, RELIGION, LITTÉRATURE, NOUVELLES  
ROMANS, JOURNAUX, ETC.

## . AVIS

Ce Catalogue est distribué gratuitement et expédié par la poste  
aux personnes qui le demandent

N<sup>o</sup> 9, RUA DO CRÉSPO, N<sup>o</sup> 9

PERNAMBUCO

SÃO PAULO

LARGO DA SÉ, N<sup>o</sup> 1

PARIS

RUE D'HAUTEVILLE, N<sup>o</sup> 5

1866

29. Capa do Catálogo da Librairie Française.

Luxe (331; 6,0%); Variétés (239; 4,4%); Arts et Métiers (216; 3,9%); Théâtre (215; 3,9%); Poésie (123; 2,2%); Voyages (120; 2,2%); Histoire (110; 2,2%); Religion (104; 1,9%); Économie Politique et Sociale (102; 1,9%); Mathématiques (79; 1,4%)<sup>140</sup>; Grammaire (72; 1,3%); Agriculture (71; 1,3%); Musique (61; 1,1%); Annuaires, Almanachs (54; 1,0%); Art Militaire (47; 0,9%); Médecine (43; 0,8%); Encyclopédies (20; 0,4%); Géographie (19; 0,3%); Finances (31; 0,6%).

Algumas seções se cruzam com o programa da Faculdade ou do Curso Anexo. São os casos de Filosofia, História, Matemática, Finanças e Economia Política e Social. Neste último item, não podemos perder de vista que, desde os seus primórdios, a Faculdade foi o principal centro receptor do pensamento político-econômico. Conforme assinalamos, as maiores contribuições de livros para a biblioteca, além das obras propriamente jurídicas, foram de teóricos e divulgadores da Economia Política. Desde Adam Smith – primeiramente em edições francesas<sup>141</sup> – passando por Bentham<sup>142</sup> até Leroy-Beaulieu, que teve importante papel como divulgador do liberalismo econômico no final do século<sup>143</sup>. Além desses autores, o exemplar apresenta um conjunto bastante significativo das obras de Proudhon<sup>144</sup>. A

o texto inserido no *Catálogo* – resumo de vinte e cinco anos de ensino, foi por muito tempo esmerada pelos alunos de M. Oudot. Todos os estudantes que aspiram a uma instrução séria devem consultá-la no início de seus estudos [...]” (*Catálogo*, 1866, p. 141).

140. A seção de Matemática tem um sentido muito mais amplo e, em certa medida, combina o conceito de ciências matemáticas dominante no século XVIII com uma série de disciplinas práticas. É o que vemos nos subtítulos da seção: Álgebra, Aritmética, Agrimensura, Astronomia, Cosmografia, Desenho Linear, Geodésia, Geometria, Elevação de Plano, Mecânica, Ciência do Engenheiro, Estática, Topografia, Trigonometria.
141. A propósito, é a única edição inserida no *Catálogo* de 1866: Adam Smith, *Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations*, 3 vols., in-8 (*Idem*, p. 211).
142. Dentre os vários volumes dispersos no *Catálogo*, destacamos *Oeuvres*, em 3 grossos volumes, in-4 (*Idem*, p. 199).
143. Leroy-Beaulieu era adotado como compêndio do curso de Direito ainda na época de Caio Prado Jr. Aliás, esta linha de pensamento econômico não demorou a se expandir por todas as partes, como demonstra Alfredo Bosi. Este autor destaca que, nos discursos de membros do PRR, aforam, ao lado de Comte, referências a Stuart Mill e a Leroy-Beaulieu. Este último chegou a ser literalmente citado por Borges de Medeiros “na sua mensagem à Assembléia lida em 15 de outubro de 1902” (Alfredo Bosi, “A Arqueologia do Estado-Providência – Sobre um Enxerto de Ideias de Longa Duração”, *Dialética da Colonização*, p. 285).
144. Dentre as obras relacionadas, citamos: Pierre-Joseph Proudhon, *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère*, Paris, Guillaumin, 1846, 2 vols. A informação do *Catálogo* Garraux foi complementada com a descrição da edição original fornecida pelo catálogo opale-plus, em <www.bnf.fr>. Note-se que a Casa Garraux fornecia edições envelhecidas nas estantes das livrarias francesas.

edição de Stuart Mill é a única que vem datada, talvez na intenção de indicar o caráter atualizado do catálogo<sup>145</sup>.

As obras de Direito são as mais numerosas, depois da seção beletrista, e aparecem organizadas em função do programa do curso jurídico, confirmando o interesse expresso pelos livreiros em atender às necessidades da Academia. Esses títulos ratificam a própria imagem que se fazia do leitor da época, ou seja, era ele um acadêmico, daí seu traço distintivo. Ou, como anuncia a charge que serve de epígrafe a este capítulo: “há aqui uma illustrada Academia; a mocidade ama as sciencias”, enquanto “a população sabe dar apreço ás modas e á todos os artefactos de gosto”<sup>146</sup>.

A bibliografia jurídica se distribui nas seguintes áreas: Droit Civil (194 títulos; 3,5%); Droit Romain (162; 3,0%); Droit Public, Constitutionnel et Politique (123; 2,2%)<sup>147</sup>; Droit Criminel et Pénal (92; 1,7%); Droit Commercial (80; 1,5%); Droit Naturel (79; 1,4%); Droit Administratif (50; 0,9%); Droit Ecclésiastique (39; 0,7%); Droit Maritime (29; 0,5%); Diplomatie (26; 0,5%). Os livros de Direito perfazem 907 títulos, ou seja, 16,5% do total de obras em francês catalogadas<sup>148</sup>.

Este levantamento confirma a própria vocação da livraria como agente difusor da literatura francesa. Para tanto, basta comparar os livros listados na seção com as obras em português apresentadas num único item: “Legislação”<sup>149</sup>. Embora os anúncios desta seção sejam indicativos do movimento editorial de obras jurídicas portuguesas e brasileiras, elas são muito menos expressivas que as obras francesas<sup>150</sup>.

145. Trata-se de *Principes d'économie politique*, 2 vols., in-4 (edição de 1861).

146. *Cabrião*, p. 84. Curioso notar que o *Diabo Coxo* dedica, nos últimos números, em 1865, uma pequena vinheta à Casa Garraux. Isso destaca não exatamente os livros da Casa, mas o forte apelo ao consumo que aquela loja tinha (cf. *Diabo Coxo*, São Paulo, Edusp, edição fac-similar, 2005, s. n.).

147. Nesta seção há muitas obras de interesse político que aproximavam o leitor nacional da história e do pensamento político francês: Buchez et Roux, *Histoire parlementaire de la Révolution française, ou journal des Assemblées nationales de 1789 à 1815*, 40 vols., in-4; *Compte-rendu des séances de l'Assemblée Nationale. Exposé des motifs et projets de lois présentés par le gouvernement de Mai 1848. Décembre 1851*, 29 vols., in-folio, y compris les tables; Simonde de Sismondi, *Études sur les constitutions des peuples libres*, 1 vol., in-4 ou 2 vols. in-4; Tocqueville, *De la démocratie en Amérique*, 3 vols., in-4 (Catálogo, 1866, pp. 166-174).

148. No Catálogo de 1872 o aumento das obras jurídicas não é marcante: são anunciados 1 040 títulos.

149. *Idem*, pp. 1-27.

150. São 198 títulos em português, contra 907 em francês para a área de Direito. Além disso, a listagem de títulos em português indica escasso interesse na tradução de textos dessa área. Há alguns comentários de tratadistas estrangeiros por juristas portugueses e brasileiros, mas as traduções perfazem apenas cinco em 198 títulos.

As edições literárias de origem francesa anunciadas pelos livreiros Garraux e De Lailhacar impõem um problema. Como traduzir em breves linhas semelhante inventário da produção circulante no século XIX? Pois à ampla seção destinada às novelas e romances franceses agregam-se as seções de Literatura, Teatro e Poesia – igualmente significativas no que diz respeito às tendências e ao gosto literário da época, mas também, em termos materiais, à variedade de formatos, ilustrações e outros cuidados bibliográficos que as distinguem.

A seção de literatura oferece ao público coleções de “*Obras completas* dos principais prosadores”<sup>151</sup>. Como ocorre no catálogo de obras em português, títulos de ficção se confundem com narrativas históricas. Desse modo, é possível identificar, nesta mesma seção, os volumes de Ampère, com suas “cenas históricas” da Roma antiga, ou as obras de Sir Macaulay, traduzidas por Guizot<sup>152</sup>. E, ao lado destas, um painel muito rico da historiografia literária francesa<sup>153</sup>.

Este ecletismo se reflete nos autores mais representativos da parte propriamente literária: Charles André e suas lições de literatura francesa; Bossuet, em “edição infinitamente mais completa do que a publicada por Delestre-Boulangé, em 21 vols., in-8”<sup>154</sup>; Philaret Chasles, que apresenta significativo conjunto (catorze títulos) de obras morais e de crítica literária; de Chateaubriand, a nova edição de suas obras completas, comentadas por Sainte-Beuve, em volumes ilustrados por Delannoy, Thibault, Outhwaite, Mansard, entre outros artistas, edição em doze volumes, in-4, feitos em papel “cavalier vélin”<sup>155</sup>; Victor Cousin, cujas obras somam sessenta títulos; Théophile Gautier, dezoito títulos; Guizot, 25 títulos; Victor Hugo, em vinte volumes, in-8, também vendidos separadamente e outra, com maior descrição de detalhes – “*Oeuvres complètes*, contendo até sua última obra, *Contemplations*; edição de luxo, papel cavalier vélin, ornada com 100 gravuras sobre aço e sobre madeira, de Johannot, Raffet, Gavarni, Gérard-Séguin, etc. 20 vols. in-4, reliés”<sup>156</sup>.

151. Todas as considerações seguintes foram feitas a partir das obras anunciadas na seção (Catálogo, 1866, pp. 257-295).

152. A relação de títulos figura na Introdução.

153. Dentre os títulos, o anúncio de Wolf, *Le Brésil littéraire. Histoire de la littérature brésilienne, suivie d'un choix des meilleurs auteurs brésiliens*, 1 vol., in-4.

154. Catálogo, 1866, p. 260.

155. *Idem*, p. 263.

156. *Idem*, p. 273.

Além desta edição, outros dezessete títulos, em vários volumes de obras ilustradas e “ricamente ornadas”, confirmam a excelência de *monsieur* Hugo na edição francesa.

Continuando o inventário dos autores eminentes: de Lamartine, 52 títulos, entre os quais uma edição de suas obras completas, em quarenta volumes; Michelet, vinte títulos, todos in-8; Edgard Quinet, quinze títulos; Sainte-Beuve, catorze títulos, em vários volumes cada um, incluindo uma edição em espanhol (“Galeria de mujeres celebres, magnífica edición com retratos en acero, um tomo en 4<sup>a</sup>, rica encuadernación com mosaicos, cortes dorados”); Voltaire, obras completas, em 35 volumes, in-8. Estes autores se repetem nas outras seções dedicadas às belas-letas, ao lado de autores não citados, mas conhecidos no meio letrado, como Balzac, Eugène Sue, Gustave Flaubert, Alexandre Dumas, Musset, Mérimée. Enfim, é absolutamente inacreditável o repertório apresentado por Garraux ao público leitor paulista.

Em contrapartida, as traduções não são muitas, o que contraria o movimento crescente da livraria estrangeira em Paris nesta mesma época, segundo recente estudo de Diana Cooper-Richet<sup>157</sup>. Possivelmente porque Garraux tenha, inicialmente, restringido suas relações comerciais com livreiros-editores franceses, seguindo os passos de B. L. Garnier.

Há apenas quatro obras em “língua estrangeira”, uma em inglês, Addison, *Works*, 6 vols., in-4. E, em espanhol:

Cervantes, *Obras completas*, que contienen: El Quijote, las Novelas, la Galatea, el Viaje al Parnaso, Persiles y Sigismunda, con la vida de Cervantes por Navarrete. 4 vol., in-4<sup>a</sup> avec portrait, gravure et fac-simile de l'écriture de Cervantes;

*Mil y una noches* (las), cuentos árabes, traducidos del texto árabe genuino por Gustavo Weil, com anotaciones del mismo y una introducción del baron Silvestre

157. Segundo a autora, “há no mundo dos editores parisienses do século XIX um pequeno número de casas – menos de uma dúzia – que se consagraram ao mercado de impressos em língua estrangeira. Esta atividade, iniciada antes da Revolução, por Théophile Barrois, será seguida ao longo do século XIX. Ela é organizada em três domínios temáticos lingüísticos dominantes: inglês, alemão e espanhol” (cf. Diana Cooper-Richet, “Littérature étrangère et monde du livre au XIX<sup>e</sup> siècle”, documento digital, disponível em <www.livrohistoriaeditorial.pro.br>).

de Sacy, traducidas al castellano por una Sociedad de Litteratos, nueva edición, ilustrada com unas doscientas láminas de los mejores artistas, 2 tomos en 4<sup>o</sup> encuadernados en uno, rica encuadernación com masaicos, cortes dorados.

(Martinez de la Rosa. *Obras completas*. 5 vols. in-4<sup>o</sup>, bela impressão, bonita edição, com a fotografia do autor)<sup>158</sup>.

As traduções são um pouco mais numerosas, mas também insignificantes, perto do conjunto francês. Do inglês, há apenas a obra de “Byron (lord), *Oeuvres complètes*, traduites de l'anglais par Benjamin Laroche, quatre séries. 4 vols., in-8<sup>o</sup>. 1<sup>re</sup> Série: *Chil-Harold*. 1 vol. 2<sup>ème</sup>. Série: Poèmes. 1 vol. 3<sup>ème</sup>. Série: Drames. 1 vol. 4<sup>ème</sup>. Série: Don Juan. 1 vol.”<sup>159</sup>.

Os textos traduzidos do alemão revelam a ascendência de pelo menos dois autores sobre a cultura letrada francesa – o que, naturalmente, se refletia no meio intelectual brasileiro: Goethe (1749-1832) e Heine (1797-1856)<sup>160</sup>. Do primeiro, há a tradução de suas obras completas, em dez volumes, in-4, por Jacques Porchat. Outra edição, aparentemente mais popular, traduzida por Staper, revista e precedida de um estudo por Théophile Gautier fils, em dois volumes, in-8, anunciada por três mil-réis o volume. E uma outra série de edições in-8, realizada por diferentes tradutores (Théophile Gautier fils, Mme. Carlowitz, Saint-René Tallandier, entre outros). De Henri Heine, o catálogo anuncia oito títulos em “nouvelles éditions, in-8<sup>o</sup>”<sup>161</sup>. De acordo com Diana Cooper-Richet, as atividades de livreiros alemães ou de livrarias especializadas

158. *Catálogo*, 1866, pp. 266, 279 e 281. Na verdade, esse catálogo suprime uma seção que aparece no exemplar de 1864, a de “Obras Españolas (Cervantes, Lope de Vega etc.)”.

159. *Idem*, p. 260.

160. Os escritos do poeta alemão Henri Heine, assim como os de Goethe, circularam entre os românticos. Em relação ao primeiro, Fagundes Varela devotou particular atenção, e até mesmo traduziu seus poemas. A publicação de “Intermezzo”, poema de H. Heine traduzido por Varela, saiu dezoito anos depois da morte deste, na revista carioca *A Semana*, de Valentim Magalhães, em 28 de abril de 1894. Em vida, Fagundes Varela teve dois volumes de Henri Heine, não sabemos se no original ou em tradução (francesa). Ambos foram penhorados, devido à falta de pagamento de aluguéis da chácara do Brás, onde morou em 1863 (Israel Souza Lima, *Bibliografia dos Patrons...*, p. 191).

161. São os seguintes títulos: *De la France; De l'Allemagne*, nouvelle édition entièrement revue et augmentée de fragments inédits, 2 vols., in-8; *Lutèce, lettres sur la vie politique, artistique et sociale de la France*, in-8; *Poèmes et légendes; Reisebilder, tableaux de voyage; Drames et phantasies; De tout un peu; Oeuvres complètes*, 9 vols. (*Idem*, p. 271).

em traduções alemãs entraram em franco declínio nos anos de 1870, devido à guerra franco-prussiana<sup>162</sup>.

Desvirtua-se do cânone estabelecido nestas seções de textos literários um conjunto de obras licenciosas, proibidas por lei na França, cujo comércio fora incentivado por B. L. Garnier à época de sua chegada no Rio de Janeiro<sup>163</sup>. O nome da coleção é bastante sugestivo e cede à leitura um tempo para o ócio e o lazer: “Ce que vierge ne doit lire: 1<sup>a</sup> Amour d’un page, in-8<sup>a</sup> broché; 2<sup>a</sup> Contes vrais; 3<sup>a</sup> Flagrants délits; 4<sup>a</sup> Pommes d’Èves; 5<sup>a</sup> Ce que nous font faire les femmes; 6<sup>a</sup> L’esprit de reparties; 7<sup>a</sup> L’Art d’avoir des maitresses; 8<sup>a</sup> Chansons amoureuses”<sup>164</sup>.

As leituras de variedades aparecem recompostas em um repertório todo modelado por eruditos. São coleções volumosas de livros de bolso, nas quais os assuntos que tocam os interesses da humanidade, na acepção mais ampla possível do termo, conformam projetos editoriais dirigidos pelas *gens de lettres*. O *Catálogo* de 1866 apresenta alguns bons exemplos disso:

- Bibliothèque de Poche, por uma sociedade de sábios e de eruditos. Editada por Paulin e Lechevalier, de 1845 a 1855. Esta biblioteca de bolso contém “variedades curiosas e divertidas das ciências, das letras e das artes, compondo-se de 10 vols. in-8<sup>a</sup>.”
- Bibliothèque nationale, coleção dos melhores autores, antigos e modernos. Formato in-12, 192 páginas cada volume.
- Bibliothèque Philippart. Cem volumes. “Cada volume com um formato completo”<sup>165</sup>.

No *Catálogo* de 1872 estas coleções ganham espaço mais expressivo. Isso sugere seu êxito editorial na França – por se tratar integralmente de edições francesas – e, possivelmente, no Brasil, uma vez que Garraux teve importante papel como intermediário entre os livros publicados além-mar e o público local. É o que vemos no quadro a seguir:

162. Diana Cooper-Richet, “Littérature étrangère...”, s. n. p.

163. Uma vultosa listagem da literatura erótica ou obscena, à qual nos referimos no capítulo anterior, foi descoberta por Jean-Yves Mollier.

164. *Catálogo*, 1866, pp. 337-338.

165. *Idem*, pp. 476-479.

TABELA 10. *Livraria Acadêmica de A. L. Garraux em Língua Francesa, Coleções, 1872.*

	Nº de Títulos
Bibliothèques de Tous Les Ages	14
Bibliothèques Illustrées	13
Bibliothèques d’ouvrages propres pour la jeunesse	44
Bibliothèques de Familles	28
Bibliothèques variées	95
	194

Todas as outras seções, já conhecidas por meio da apresentação dos catálogos anteriores, revelam acentuado aumento do comércio da livraria francesa na capital. Deve-se lembrar que, no ano de 1872, A. L. Garraux inaugurava a nova sede da Livraria Acadêmica de A. L. Garraux. Para tanto,

[...] ele construiu uma nova loja com uma *façade* de mármore e amplas vitrinas, que se tornou o local de encontro não apenas de estudantes de Direito mas também dos fazendeiros de café, que cada vez mais eram, agora, educados na França ou na Alemanha, e cujo conseqüente conhecimento do progresso europeu iria desempenhar papel considerável no desenvolvimento econômico, social e intelectual de São Paulo<sup>166</sup>.

A mudança do público e, por extensão, das condições do comércio livreiro na capital paulista se traduziram neste novo exemplar de obras francesas, cujo perfil se define no aumento quantitativo do número de títulos, em relação aos exemplares anteriores, e em termos qualitativos, devido à organização de outras seções temáticas em consonância com o próprio desenvolvimento da edição francesa. Ou seja, o mercado evoluiu no sentido dos livros de estudos, de conteúdo humanístico ou científico – termo que designamos para as obras de ciências exatas – e de narrativas ficcionais – romances, novelas, contos, teatros, poesias. 1253 títulos de Romances, 685 obras de Literatura, 199 títulos de Poesia e Teatro! Ora, estamos certos de que este gênero burguês por excelência conquistara seu espaço no meio piratiningano. Também nesta direção o *Catálogo* apresenta o repertório de

166. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil*, p. 229.

## BIBLIOTHÈQUE POUR TOUS

ILLUSTRÉE

ROMANS, HISTOIRE, VOYAGES, LITTÉRATURE, SCIENCES, ETC.

CHACQUE OUVRAGE CONTIENT  
DE 400,000 À 650,000 LETTRES D'IMPRESSION, C'EST-À-DIRE LA MATIÈRE DE DEUX  
OU TROIS VOLUMES DE CABINET DE LECTURE

## OUVRAGES EN VENTE

1. **L'Italien**, par ANNE RADCLIFFE.
2. **Les Parvenus**, par PAUL FÉVAL.
3. **Les Chercheurs d'or**, par ÉMILE GONZALÈS.
4. **La Chasse aux millions**, par CH. DESLYS.
5. **La Lionne**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
6. **La Fontaine Sainte-Catherine**, par DUCRAY-DUMINIL.
7. **Les Souterrains de Saint-Denis**, par CLÉMENCE ROBERT.
8. **Les Mémoires du Diable**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
9. **Les Mémoires du Diable** (2<sup>e</sup> série), par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
10. **Les Mémoires du Diable** (3<sup>e</sup> série), par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
11. **Les Mémoires du Diable** (4<sup>e</sup> série), par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
12. **Le Bachelier de Salamanque**, par LESAGE.
13. **La Révolte de l'Inde**, par A. BONNEAU et R. HYENNE.
14. **Julie**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
15. **Calomnie**, par HIPPOLYTE BONNELIER.
16. **La Baronne trépassée**, par PONSON DU TERRAIL.
17. **Les Enfants de la nuit**, par BULLWER.
18. **La Fée des grèves**, par PAUL FÉVAL.
19. **Le Maître d'école et Eulalie Pontois**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
20. **Le Magnétiseur**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
21. **La Lingère**, par ALPHONSE SIGNOL.
22. **Le Lion amoureux et Diane et Louise**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.
23. **Le Viver**, par AUGUSTE RICARD.
24. **Julia**, ou les Souterrains du château de Mazini, par A. RADCLIFFE.
25. **Les Quatre sœurs**, par FRÉDÉRIC SOULIÉ.

uma literatura de consumo, ainda das belas-letas<sup>167</sup>, a que se somam os livros de conhecimentos gerais<sup>168</sup>.

O leitor encontrará mais adiante (Tabela 11) um curioso guia literário de temas voltados às questões da época: da política às transformações técnicas, ligadas às artes industriais, aos meios de transportes e de comunicações etc.

Particularmente no que concerne às obras sobre Política, o *Catálogo* apresenta uma seção inovadora, que buscava situar o leitor, como escreve Eduardo Frieiro, no meridiano francês. Trata-se das “obras políticas aos acontecimentos políticos da França”. No capítulo anterior, vimos que as principais editoras francesas investiram na publicação de opúsculos políticos com preço baixo e em larga tiragem (na base de seiscentos mil exemplares) para um título dessa ordem publicado durante a Revolução de 1848.

Em 1871, a Comuna – episódio que encerrava de uma vez por todas o capítulo revolucionário francês que remonta a 1789 e que culmina na III República, a mais longa de sua história (1871-1940) – e a guerra franco-prussiana impulsionaram o lançamento de edições preparadas no calor dos acontecimentos. Diferentemente do que acontecera em 1848, dessa vez elas chegaram rapidamente no mercado local. Conspirando a seu favor estavam os já tão alardeados avanços dos sistemas de transportes e de comunicação, sem contar a proliferação das livrarias<sup>169</sup>.

A literatura estrangeira expressa em língua original (inglês, alemão, espanhol, italiano, latim) figura pela primeira vez nos *Catálogos* da Casa Gar-

167. Bibliotecas de famílias, bibliotecas para jovens e outras formas editoriais com forte apelo publicitário.

168. Enciclopédias, manuais de agricultura e horticultura, obras de vulgarização dos conhecimentos médicos, espiritismo etc. Entre os manuais médicos de tantos préstimos às famílias, sobretudo daqueles que viviam nas fazendas, temos notícias de “um sábio e grande médico dinamarquês que a sorte trouxe para o interior de São Paulo [e que] tinha grande veneração por essa faceta do caráter das fazendeiras paulistas e, anotando tantos medicamentos e os resultados obtidos pelas senhoras fazendeiras, dedicou-lhes um livro, como que um guia para a utilidade das roceiras. O livro teve grande voga e foi um talismã para as fazendeiras pioneiras do sertão. Acredito que fosse o primeiro livro escrito em São Paulo, descrevendo virtudes e aplicações das plantas nativas. O dr. Theodoro Langaard o escreveu com a colaboração do botânico e farmacêutico Correia de Mello. Este livro já de há muito esgotado e injustamente esquecido deve ser da época do também utilíssimo Chernoviz e anterior à divulgação entre nós da homeopatia” (Noêmia B. Bierrenbach, “Como se Vivia nas Vilas e Fazendas Antigas”, em Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), *Vida Cotidiana em São Paulo*, p. 180).

169. Retomaremos este assunto no próximo capítulo.

raux. Isso aproxima a livraria de um novo público, não necessariamente francófono, mas atento ao poliglotismo. Essa mudança de conduta diz respeito às alterações na estrutura demográfica da capital. Notadamente à participação de estrangeiros nos setores de serviços, conforme assinalamos anteriormente, e ao redirecionamento intelectual das elites, que passaram a adotar diferentes referenciais culturais nas últimas décadas do século.

Todos esses aspectos e uma visão de conjunto do exemplar de 1872 podem ser vislumbrados na Tabela II.

Os comentários são parciais. Além disso, a própria leitura de um catálogo não é isenta de anacronismos. Geralmente, os livros destacados são aqueles que se individualizaram na massa anônima de autores e títulos que marcaram presença em determinada corrente intelectual<sup>170</sup>. Muitos outros autores listados nas mesmas condições e ocupando talvez os mesmos espaços no mercado literário da época se tornaram, com o tempo, ilustres desconhecidos e escapam à atenção do historiador. Portanto, a avaliação deste tipo de documento é válida somente para compreender a dinâmica de circulação e o perfil da livraria e dos leitores aos quais estes catálogos se dirigem. Abordagens de conteúdo, que não ousamos fazer a menos que algumas raras seções analisadas o permitam, devem ser aproveitadas em outros estudos, que dão conta da recepção de textos nacionais e estrangeiros nas diferentes áreas do conhecimento então em evidência<sup>171</sup>.

170. Ainda assim, essas referências, aparentemente óbvias, são da maior importância para a compreensão do espírito do tempo. Como escreve Antonio Gramsci, que, do cárcere, absorve o movimento editorial da Itália do seu tempo: "Todavia, de um ponto de vista objetivo, do mesmo modo como ainda hoje Voltaire é 'atual' para certos estratos da população, assim também podem ser atuais – e o são efetivamente – estes grupos literários e as combinações que eles representam: objetivo quer dizer, neste caso, que o desenvolvimento da renovação intelectual e moral não é simultâneo em todos os estratos sociais [...]. Ao que me parece, o problema é o seguinte: como criar um corpo de literatos que, artisticamente, esteja para a literatura de folhetim como Dostoiévski estava para Sue e Soulié ou como, no romance policial, Chesterton está para Conan Doyle e para Wallace? Para isto, é necessário abandonar muitos preconceitos, mas deve-se observar, particularmente, que não apenas é impossível ter o monopólio, mas que se está em luta contra uma formidável organização de interesses editoriais" (Antonio Gramsci, *Literatura e Vida Nacional*, p. 14).

171. Para tornar esta autocrítica mais clara, e a fim de reforçar nossa defesa do estudo da circulação por meio dos catálogos, lembramos duas pesquisas assinaladas em outras seções. A de Janice Gonçalves, que fez uso de material publicitário de livraria para identificar na cidade os circuitos musicais, por meio do comércio de partituras. E a de Circe M. F. Bittencourt, que propôs, por meio dos catálogos de livreiros-editores, um amplo estudo sobre o aparecimento das edições didáticas no Brasil e os conteúdos dominantes dos livros de História no século XIX.

TABELA II. *Livraria Acadêmica de A. L. Garraux em Língua Francesa, 1872.*

ASSUNTOS		Nº de Títulos	%
Romans		1 253	25,6%
Littérature		685	14,0%
Histoire et Sciences Accessoires		313	6,4%
Philosophie		271	5,5%
Religion		263	5,4%
Science Sociale		215	4,4%
Poésie et Théâtre		199	4,1%
Voyages		186	3,8%
Sciences Médicales		151	3,1%
Sciences Naturelles		114	2,3%
Sciences Mathématiques		70	1,4%
Ouvrages Relatifs aux Événements Politiques de la France		55	1,1%
Ouvrages Critiques		48	1,0%
Instruction Publique		34	0,7%
Géographie		24	0,5%
TECHNOLOGIE. BEAUX-ARTS...			
Première partie	Chemins de fer, Routes, Machines, Mécanique, Construction, Télégraphie, Architecture, Dessin	92	1,9%
Deuxième partie	Industries, Arts-et-Métiers, Agriculture, Horticulture, Economie domestique, Photographie, Musique, Encyclopédie, Jeux, Magnétisme, Spiritisme, Sténographie, Franc-Maçonnerie, etc.	263	5,4%
PHILOLOGIE, LINGUISTIQUE, ÉDUCATION			
Grammaires, Guides de conversation, Alphabets.		110	2,2%
Rhétorique, Logique et Morale, Littérature classique.		19	0,4%
Dictionnaire em toutes langues		54	1,1%
LITTÉRATURE ÉTRANGÈRE (LANGUES ORIGINALES)			
Anglais		300	6,1%
Allemand		53	1,1%
Espagnol		35	0,7%
Italien		32	0,7%
Latin		16	0,3%
OUVRAGES DIVERS		35	0,7%
Total		4 890	

Nesse sentido, buscamos apresentar, da forma mais breve possível, um panorama da literatura posta em evidência pela Livraria de A. L. Garraux e Guelfe de Lailhacar, nos primeiros anos de atividade em São Paulo e, depois, quando o livreiro Garraux passou a atuar sozinho no mercado local. Os números avultam em todas as seções, e uma rápida passagem pelos títulos nos convence de que estes livreiros formaram uma coleção extensa e heterogênea. Buscam contemplar as várias correntes de pensamento da época, em diferentes domínios, fazendo com que os gostos, as modas e, principalmente, os leitores fossem amplamente agraciados. Nesse aspecto, o *Catálogo* de 1872, mais diversificado no que se refere às coleções e matérias que apresenta, oferece subsídios para a identificação da clientela perseguida por Garraux e do duplo papel do livreiro – que atua a um só tempo como comerciante e agente cultural, como deixam entrever as charges publicadas por seus contemporâneos.

### 3. CONSUMO

*Se o gosto dos livros cresce com a inteligência,  
seus perigos, nós o vimos, diminuem com ela.*

MARCEL PROUST (1871–1922)<sup>172</sup>

Há dois tipos de bibliotecas, como bem as define Rubens Borba de Moraes<sup>173</sup>. O primeiro tipo se refere ao esforço do bibliófilo *nouveau-riche*, que comparece aos principais leilões, compra os livros mais caros do mercado e constitui, por esses meios, uma bela coleção de raridades, ou de curiosidades bibliográficas. Mas ela dificilmente será dotada de espírito. Esse tipo se diferencia de uma outra estirpe de bibliófilos, ou mesmo de amadores, para quem o interesse pelo livro nasce de uma combinação feliz entre amor e erudição. Nesse caso, a escolha é determinada pelo campo de interesse e pelas possibilidades financeiras do colecionador. Se bem que o termo “amador” corra o risco de ser mal interpretado, ao ser confundido com a

172. Marcel Proust, *Sur la lecture*, p. 61.

173. Rubens Borba de Moraes, *O Bibliófilo Aprendiz*, pp. 35–50.



30. Charge sobre a Livraria Garraux – Cabrião.



31. Charge sobre a Livraria Garraux – Diabo Coxo.